



**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES**

**MANUAL TÉCNICO
MANUAL DO CAVALEIRO MILITAR**

**TECNICAS E PROCEDIMENTOS PARA O
EMPREGO DA TROPA MONTADA**

**1ª Edição
2025**



**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES**

**MANUAL TÉCNICO
MANUAL DO CAVALEIRO MILITAR**

-

**TECNICAS E PROCEDIMENTOS PARA O
EMPREGO DA TROPA MONTADA**

**1ª Edição
2025**

PORTARIA COTER/C Ex Nº 627, DE 25 DE NOVEMBRO DE 2025

EB: 64322.029012/2025-22

Aprova o Manual Técnico MT 3.2-200 - Manual do Cavaleiro Militar - Técnicas e Procedimentos para o Emprego da Tropa Montada, 1ª edição, 2025.

O **CHEFE DO PREPARO DA FORÇA TERRESTRE**, no uso da atribuição que lhe confere o inciso VII do art. 6 do Regulamento do Comando de Operações Terrestres (EB10-R-06.001), aprovado pela Portaria do Comandante do Exército nº 914, de 24 de junho de 2019, e de acordo com o que estabelecem os artigos 5º, 12 e 44 das Instruções Gerais para as Publicações Padronizadas do Exército (EB10-IG-01.002), aprovadas pela Portaria do Comandante do Exército nº 770, de 7 de dezembro de 2011, e alteradas pela Portaria do Comandante do Exército nº 1.266, de 11 de dezembro de 2013, resolve:

Art. 1º Fica aprovado o Manual Técnico MT 3.2-200 - Manual do Cavaleiro Militar - Técnicas e Procedimentos para o Emprego da Tropa Montada, 1ª edição, 2025, que com esta baixa.

Art. 2º Esta portaria entrará em vigor e produzirá efeitos a partir sua publicação.

Gen Bda ALEXANDRE PFAENDER JUNIOR
Chefe do Preparo da Força Terrestre

(Publicada no Boletim do Exército nº 49, de 05 de dezembro de 2025)

FOLHA REGISTRO DE MODIFICAÇÕES (FRM)

NÚMERO DE ORDEM	ATO DE APROVAÇÃO	PÁGINAS AFETADAS	DATA

ÍNDICE DOS ASSUNTOS

	Pag
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	
1.1 Finalidade	1-1
1.2 Considerações iniciais	1-1
 CAPÍTULO II - O CAVALO	
2.1 Conhecendo o Cavalo	2-1
2.2 Exterior do Cavalo	2-1
2.3 Maneira de Segurar e Levantar os Pés do Cavalo	2-5
2.4 Medida de Altura	2-7
2.5 Cuidados com os Cavalos	2-7
2.6 Limpeza da Cavallhada	2-8
2.7 Cuidados com o Cavalo antes da Instrução	2-9
2.8 Cuidados após o Trabalho Montado	2-16
2.9 Cuidados Periódicos	2-18
2.10 Manejo Alimentar e Hídrico dos Cavalos	2-21
 CAPÍTULO III – MORFOLOGIA EQUINA	
3.1 Higiene e Manejo dos Cavalos	3-1
3.2 Manejo Emergencial	3-4
3.3 Idade dos Cavalos	3-5
3.4 Pelagens dos Cavalos	3-7
 CAPÍTULO IV – SERVIÇOS GERAIS	
4.1 Normas Gerais para a Execução do Serviço em Organizações que Possuam Cavalos Estabulados	4-1
4.2 Oficial de Dia	4-1
4.3 Sargento de Dia da SU	4-1
4.4 Cabo das Baías	4-2
4.5 Soldados de Cavalariças	4-2
 CAPÍTULO V – INTRODUÇÃO À EQUITACÃO	
5.1 Equitação Militar	5-1
5.2 Arreamento e Encilhagem	5-1
5.3 Lições de Encilhagem	5-5

5.4 Ajudas	5-6
5.5 Efeitos de Rédeas	5-7
5.6 Maneira de Segurar e Conduzir um Cavalo a Pé	5-7
5.7 Equitação Militar Básica	5-9

CAPÍTULO VI – INTRODUÇÃO À EQUITACÃO

6.1 Ordem Unida a Cavalo	6-1
6.2 Grupo de Combate	6-2
6.3 Pelotão	6-8
6.4 Esquadrão	6-11
6.5 Regimento	6-12
6.6 Adequação de Figuras e Símbolos	6-13

CAPÍTULO VII – CERIMONIAL

7.1 Cerimonial Militar a Cavalo	7-1
7.2 Escoltas de Honra	7-1
7.3 Carrossel Militar	7-2
7.4 Reprise de Salto de Obstáculos	7-3
7.5 Volteio	7-4

CAPÍTULO VIII - CONCLUSÃO

8.1 Considerações Finais	8-1
--------------------------------	-----

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 FINALIDADE

- Este Manual Técnico tem por finalidade capacitar o efetivo integrante das Organizações Militares (OM) do Exército que mantenham equinos, a:

- a) cuidar, manejar e zelar pelo bem-estar dos cavalos;
- b) aplicar corretamente as Normas Gerais para a execução do serviço;
- c) praticar a equitação básica;
- d) executar, com precisão, os movimentos de Ordem Unida a Cavalos; e
- e) participar, com proficiência, das atividades do Cerimonial Militar.

1.2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.2.1 O cavalo transcende sua função prática para se tornar a **alma da Arma de Cavalaria**, um símbolo vivo que personifica os ideais de honra, bravura e dedicação. Sua manutenção, em meio aos avanços tecnológicos do combate moderno, justifica-se não somente por seu emprego operacional, mas também pelo compromisso em cultivar as tradições históricas da Instituição.

1.2.2 A equitação no âmbito do Exército Brasileiro constitui atividade essencial à formação e ao emprego do militar da arma de Cavalaria, abrangendo o conhecimento técnico de montar e conduzir o cavalo, bem como o desenvolvimento das práticas relacionadas ao manejo desse animal. A equitação torna-se ferramenta útil e consagrada para o desenvolvimento de atributos da área afetiva.

1.2.3 A sua prática possibilita ao militar cumprir missões operacionais montadas, participar de atividades de cerimonial militar, integrar representações desportivas e exercitar conteúdos atitudinais fundamentais, como a disciplina, a autoconfiança e a liderança.

1.2.4 O cavalo, como ser vivo e instrumento de trabalho, requer cuidados específicos e permanentes para manter-se em boas condições de saúde e desempenho. São aspectos indispensáveis a esse processo, o fornecimento de uma alimentação balanceada, limpeza diária, ferrageamento, estabulação e transporte seguro.

1.2.5 O cavaleiro militar e o cavalo devem ser instruídos, treinados e condicionados de acordo com a doutrina equestre vigente, de modo a constituírem um binômio coeso, seguro e eficaz para o cumprimento das diversas missões que lhes forem atribuídas.

CAPÍTULO II

O CAVALO

2.1 CONHECENDO O CAVALO

2.1.1 O cavalo constitui o elemento fundamental da tropa montada.

- A seleção, o manejo e o preparo dos animais devem atender às exigências da atividade militar, demandando indivíduos com conformação física adequada, temperamento equilibrado, resistência e aptidão funcional, compatíveis com as tarefas previstas.

2.1.2 Além de sua função operacional, o cavalo mantém caráter simbólico para a Arma de Cavalaria, representando tradição e identidade institucional.

- Nessa condição, desempenha papel essencial no Cerimonial Militar, nas demonstrações equestres — conforme estabelecido no Manual Técnico EB60-MT-26.401 — e nas representações desportivas.

2.2 EXTERIOR DO CAVALO

2.2.1 A PARTE EXTERNA DO CAVALO É DIVIDIDA EM TRÊS PARTES:

- a) antemão;
- b) corpo; e
- c) postmão.

2.2.2.1 Antemão

2.2.2.1.1 Compreende as regiões situadas à frente do cavaleiro montado, incluindo:

- a) cabeça,
- b) pescoço,
- c) espáduas e
- d) membros anteriores.

2.2.2.1.2 É o responsável pela direção e equilíbrio do animal, exercendo papel decisivo na comunicação com o cavaleiro por meio da embocadura e das rédeas.

2.2.2.2 Corpo

2.2.2.2.1 Corresponde à porção situada sob o cavaleiro, abrangendo:

- a) o dorso;
- b) os rins;
- c) o ventre; e
- d) os flancos.

2.2.2.2.2 É a região que sustenta o peso do cavaleiro e dos arreios, devendo apresentar boa musculatura e proporção entre comprimento e largura.

2.2.2.3 Postmão

2.2.2.3.1 Abrange a região localizada atrás do cavaleiro, composta pela garupa e pelos membros posteriores.

2.2.2.3.2 É o principal responsável pela impulsão e pela força durante o deslocamento, saltos e manobras.

2.2.2.3.3 Sua conformação influencia diretamente o desempenho e a resistência do cavalo.

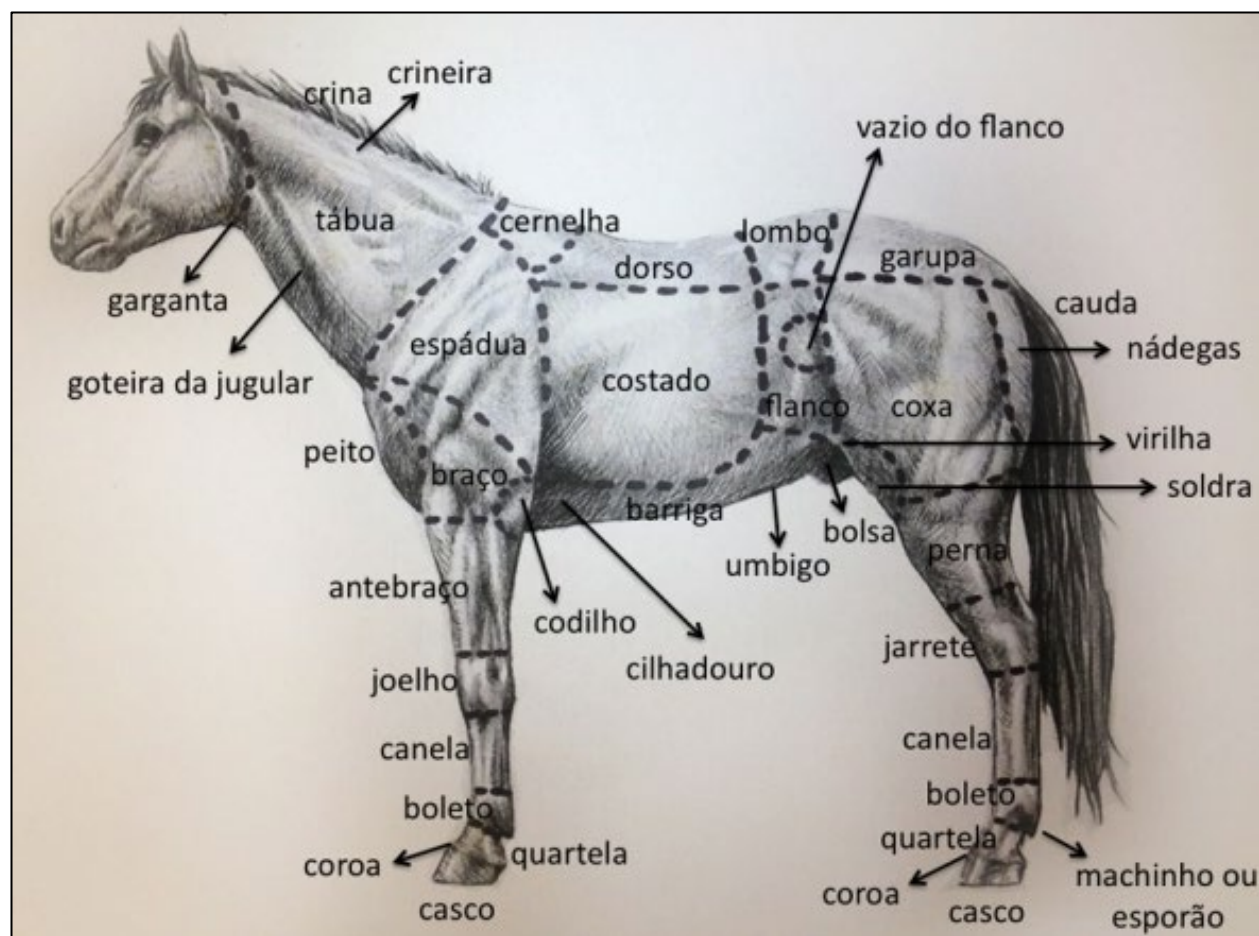


Figura 2-1 – Exterior do cavalo.

2.2.2 CASCO

2.2.2.1 O cavalo anda sobre estruturas córneas – cascos - que revestem a ponta dos dedos.

- Possui apenas um dedo em cada membro e vestígios de unha de outro dedo ao longo dos membros chamados de castanhas.

2.2.2.2 Os cascos dos anteriores são arredondados e os dos posteriores são ovalados.

2.2.2.3 O casco compreende:

2.2.2.3.1 A parede ou a taipa, que é a parte que se pode ver quando o cavalo está com o pé pousado no chão.

2.2.2.3.2 Na parede distingue-se:

- a) pinça, na frente;
- b) muralhas, uma de cada lado da pinça;
- c) quartos, sobre os lados da parede; e
- d) talões, partes de trás da parede.



Fig 2-2 – Parede do casco.

2.2.2.3.2 A sola (palma), que é a parte de baixo do casco.

- Nela encontra-se a ranilha, uma estrutura cartilaginosa de forma triangular alongada onde se notam três lacunas (sulcos), uma central e duas laterais.



Fig 2-3 – Sola do casco.

2.2.3 FERRADURA

2.2.3.1 A ferradura é destinada a proteger o casco contra ferimentos e evitar seu desgaste prematuro.

2.2.3.2 As ferraduras são fixadas aos cascos com pregos especiais, chamados de cravos e os orifícios nas ferraduras por onde são aplicados os cravos são chamados de craveiras.

2.2.3.3 Um cavalo deve ser ferrado das quatro patas, em média, uma vez por mês.

2.3 MANEIRA DE SEGURAR E LEVANTAR OS PÉS DO CAVALO

- Para ferrar e limpar as ranilhas dos cavalos, é necessário levantar seus pés, procedendo-se da seguinte forma:

2.3.1 PARA LEVANTAR O ANTERIOR ESQUERDO (DIREITO)

- a) O cavaleiro coloca-se junto à espádua esquerda (direita) do cavalo, voltado para a garupa;
- b) Com o ombro esquerdo (direito), empurra o cavalo para a direita (esquerda) de forma que ele retire o peso do membro a ser levantado;
- c) Desce a mão direita (esquerda) até a quartela para levantar o pé assim que o cavalo dobrar o joelho.



Fig 2-4 – Militar levantando anterior direito do cavalo;

2.3.2 PARA LEVANTAR O POSTERIOR ESQUERDO (DIREITO)

- a) O cavaleiro coloca-se junto à coxa esquerda (direita) do cavalo;
- b) Com o seu ombro esquerdo (direito), empurra a garupa para a direita (esquerda) de forma a que o cavalo alivie o peso sobre o membro a ser levantado;
- c) Com a mão direita (esquerda), o cavaleiro procura levantar e empurrar o posterior para trás; e
- d) Assim que o cavalo o levantar, avança e coloca o seu joelho esquerdo (direito) sob o boleto, fazendo expor a sola do casco para a ferragem ou limpeza.



Fig 2-5 – Militar levantando posterior esquerdo do cavalo.

2.4 MEDIDA DE ALTURA

2.4.1 A altura do cavalo é definida pela distância entre o solo, onde o animal apoia seus cascos, e a parte mais proeminente da cernelha (garrote).

2.4.2 Essa medida é fundamental para a classificação, a seleção e a designação do cavalo às diferentes funções na tropa.



Fig 2-6 – Procedimento para medir a altura do cavalo.

2.5 CUIDADOS COM OS CAVALOS

2.5.1 O cuidado diário com os cavalos é de grande importância para a conservação da sua saúde, do seu estado e da sua aparência.

2.5.2 A manutenção dos cavalos em bom estado e prontos para o emprego depende de regras diárias de higiene, alimentação adequada, baias limpas e camas apropriadas, sempre que possível, de serragem, palha ou casca de arroz.

2.5.3 A limpeza deve ser realizada de forma completa e rápida, preferencialmente por frações, a comando de graduados e oficiais subalternos, sob supervisão dos comandantes de Esquadrão.



Fig 2-7 – Baia com serragem nova.

2.6 LIMPEZA DA CAVALHADA

2.6.1 A limpeza da cavalcada constitui um **procedimento obrigatório, cotidiano e padronizado**, destinado a manter o cavalo militar em condições de serviço.

Não deve ser entendido apenas como higiene, mas como
ato de disciplina, saúde, inspeção e reforço do vínculo cavaleiro-animal.

2.6.2 Abrange a retirada dos animais das baias, a higienização das instalações, a manutenção da cama e a limpeza individual dos cavalos.

2.6.3 Tradicionalmente, a limpeza da cavalcada é realizada no início do expediente da tarde com a participação de todos os militares da SU, sob a coordenação dos respectivos comandantes de frações.

2.6.4 A adequada execução da limpeza da cavalcada constitui medida indispensável à preservação do efetivo animal, à prevenção de enfermidades e à manutenção da eficiência da tropa montada.

- Negligências no cumprimento desses procedimentos comprometem a saúde dos equinos e a capacidade de emprego operacional da OM.

2.7 CUIDADOS COM O CAVALO ANTES DA INSTRUÇÃO

2.7.1 O penso é o cuidado higiênico procedido diariamente em todo o corpo do cavalo. Essa limpeza deve ser feita com vivacidade e rapidez, esfregando seu pelo com vontade.

2.7.2 Em geral, faz-se o penso pela manhã, cerca de 10 a 20 minutos antes de encilhar para a instrução ou para as atividades militares.

2.7.3 O MATERIAL DE LIMPEZA É COMPOSTO, BASICAMENTE, POR:

- a) rasqueadeira (metálica ou de borracha);
- b) ferro-de-ranilha;
- c) escova;
- d) pedaço de borracha grosso;
- e) pente de madeira;
- f) pedaços de pano; e
- g) lâmina para suor.

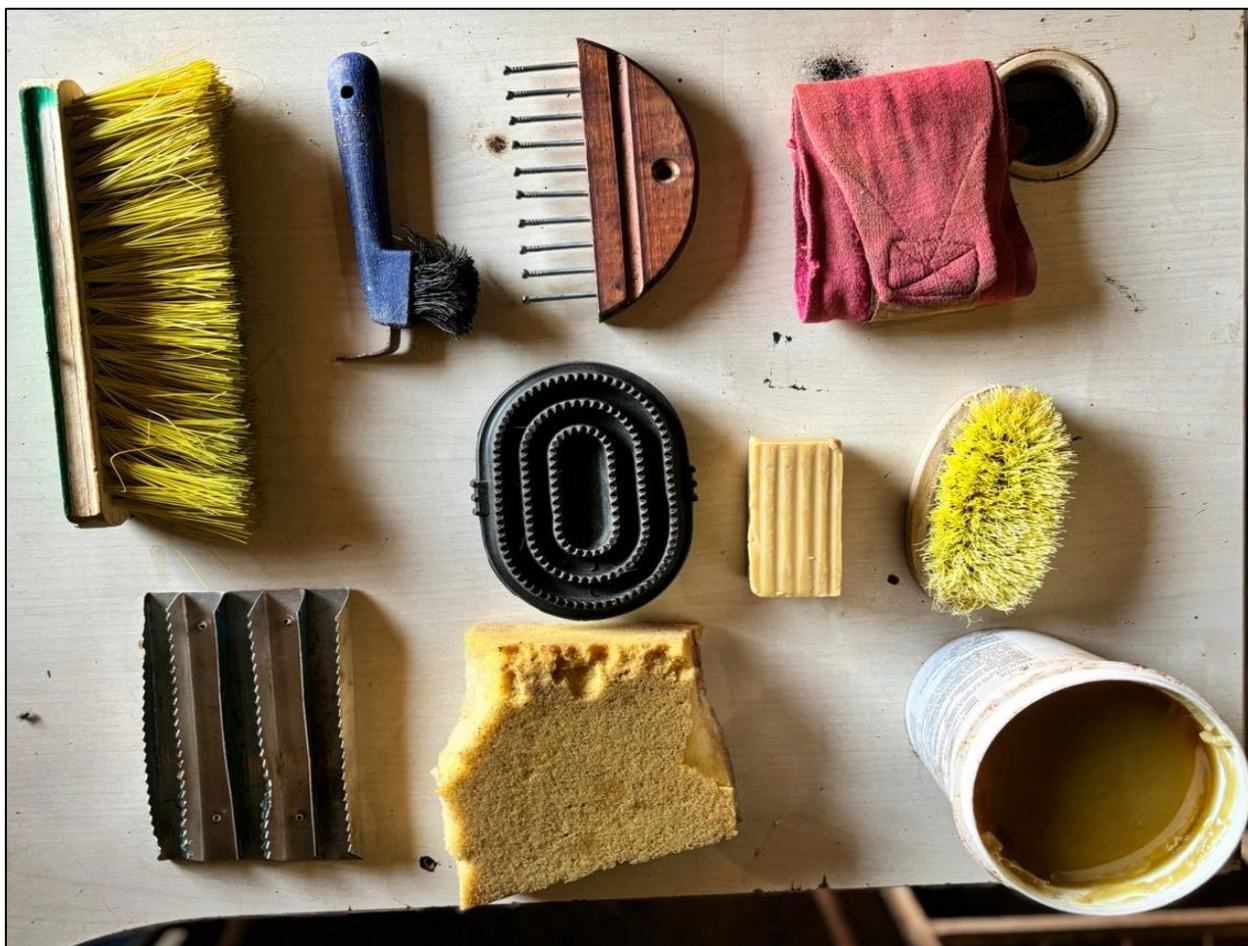


Fig 2-8 – Material de limpeza para manutenção dos cavalos.

2.7.4 As primeiras partes a serem limpas são os pés, por meio do ferro de ranilha. Deve-se ir dos talões para a pinça, particularmente as lacunas cujas partes mais profundas, próximas aos talões, apodrecem com frequência (dando origem a mangueiras), tendo o cuidado de não ferir as ranilhas.



Fig 2-9 – Limpeza da sola do casco com o ferro de ranilha.

2.7.5 A segunda operação é a retirada do grosso da sujeira do corpo do cavalo. A rasqueadeira é o instrumento a ser usado para desembaraçar o pelo e a pele das aderências do suor, da poeira e da sujeira em geral.

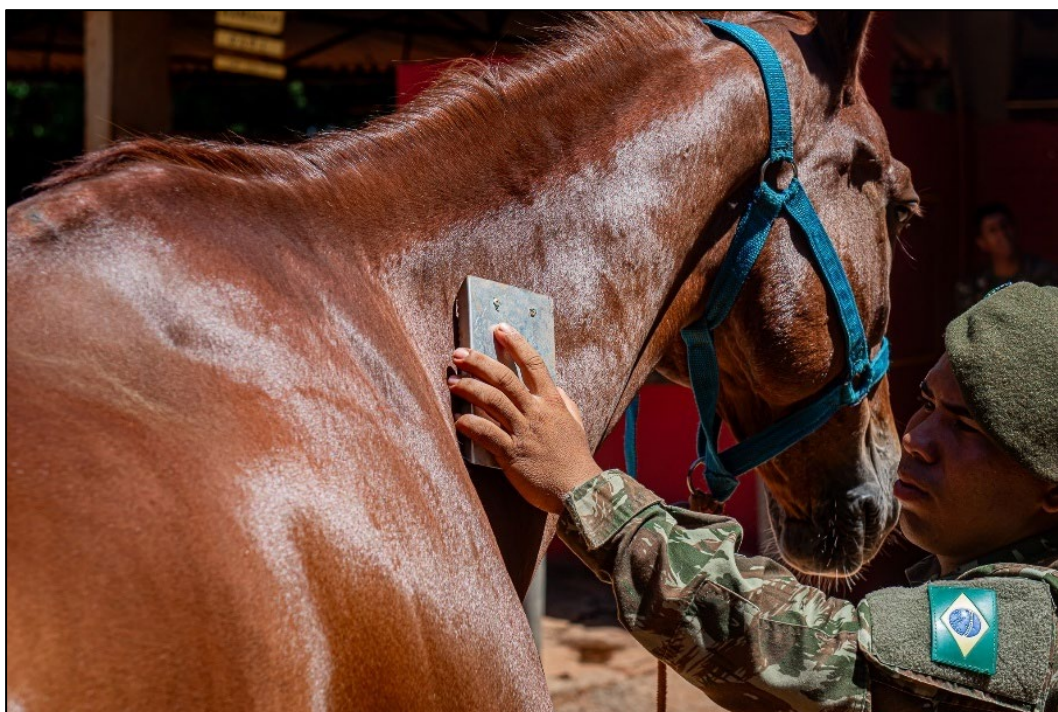


Fig 2-10 – Limpeza do cavalo com a rasqueadeira metálica.

2.7.6 A rasqueadeira deve ser passada com firmeza nas partes carnudas e no sentido contrário ao do pelo, mas com cuidado para não machucar o animal. Não deve ser usada nas partes ósseas, no sabugo da cola, na bolsa e na parte interna das coxas.

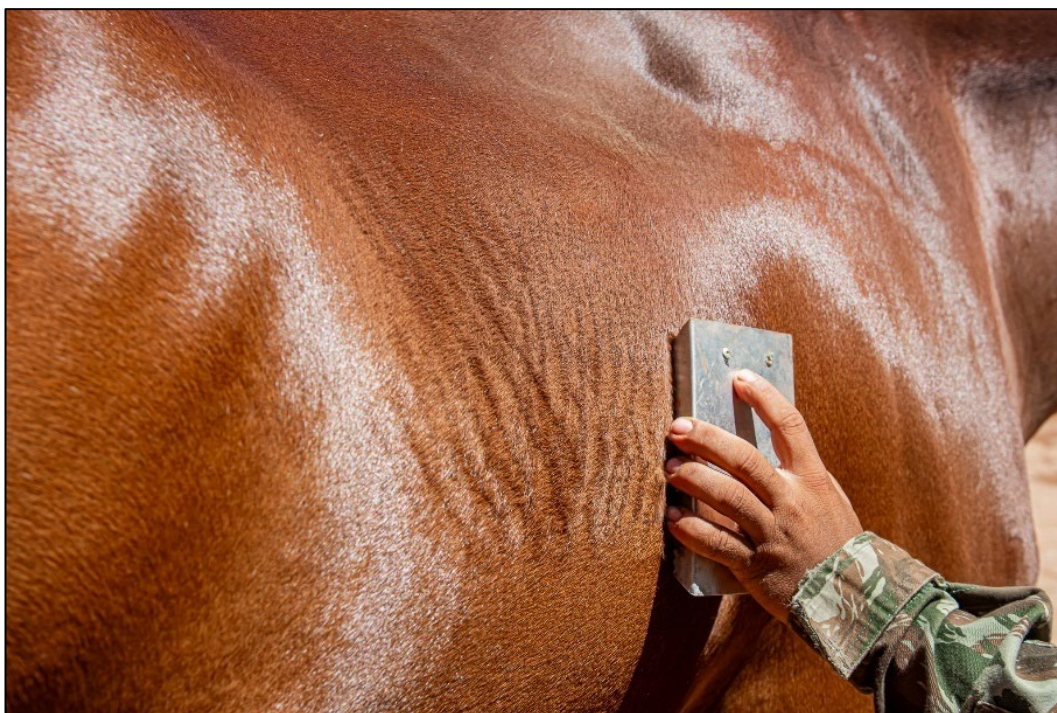


Fig 2-11 – Forma correta de utilização da rasqueadeira metálica no cavalo.

2.7.7 Rasquear primeiro o lado esquerdo, começando pelo posterior, do jarrete para cima, depois a garupa, dorso, flanco, barriga, anterior (acima do joelho), espádua, pescoço e peito.



Fig 2-12 – Forma correta de utilização da escova no cavalo

2.7.8 Depois o lado direito, na mesma ordem. A próxima etapa é completar o trabalho da rasqueadeira com a escova. Passa-se a escova em todo o corpo do animal, nos dois sentidos do pelo, tendo o cuidado de limpá-la seguidamente com a rasqueadeira.



Fig 2-13 – Limpeza da rasqueadeira metálica com a escova.

2.7.9 A escova deve ser usada na seguinte ordem: cabeça, pescoço e todo o lado esquerdo. Depois, cabeça, pescoço e todo o lado direito, terminando na cauda. Os membros devem ser escovados de cima para baixo.

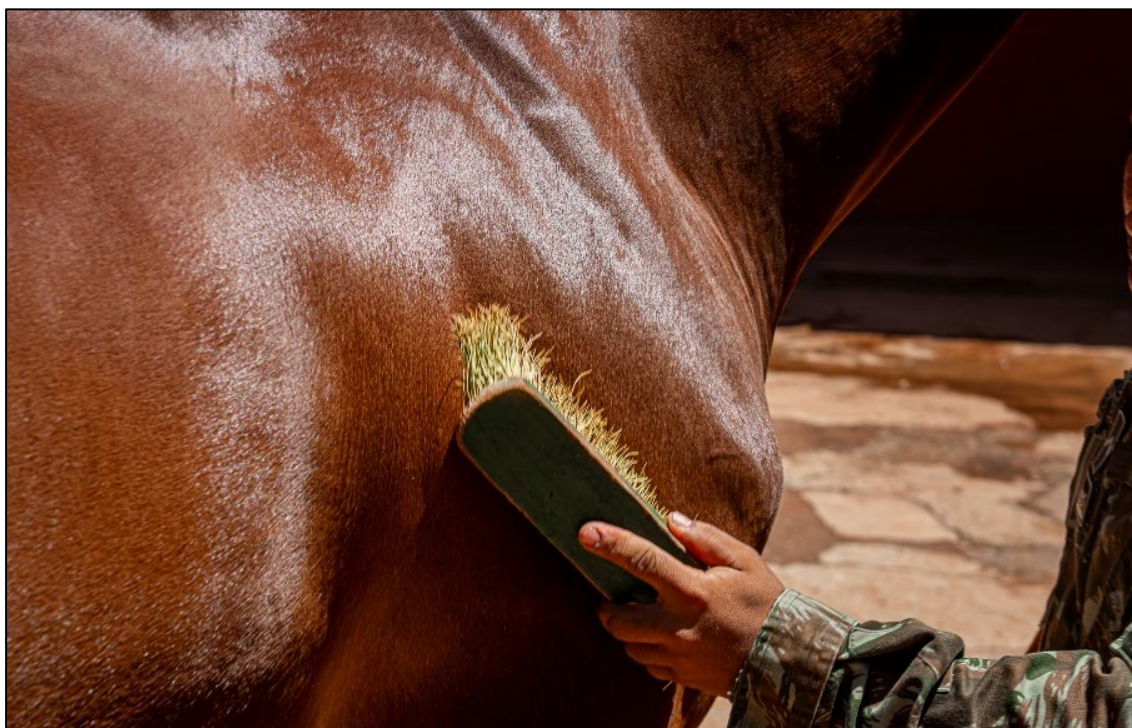


Fig 2-14 – Utilização da escova de cima para baixo.

2.7.10 Se o cavalo tiver crina longa e topete, deve-se escová-los mecha por mecha e penteá-las com o pente de madeira que, por si só, fará parte do trabalho de ripagem dos cavalos.

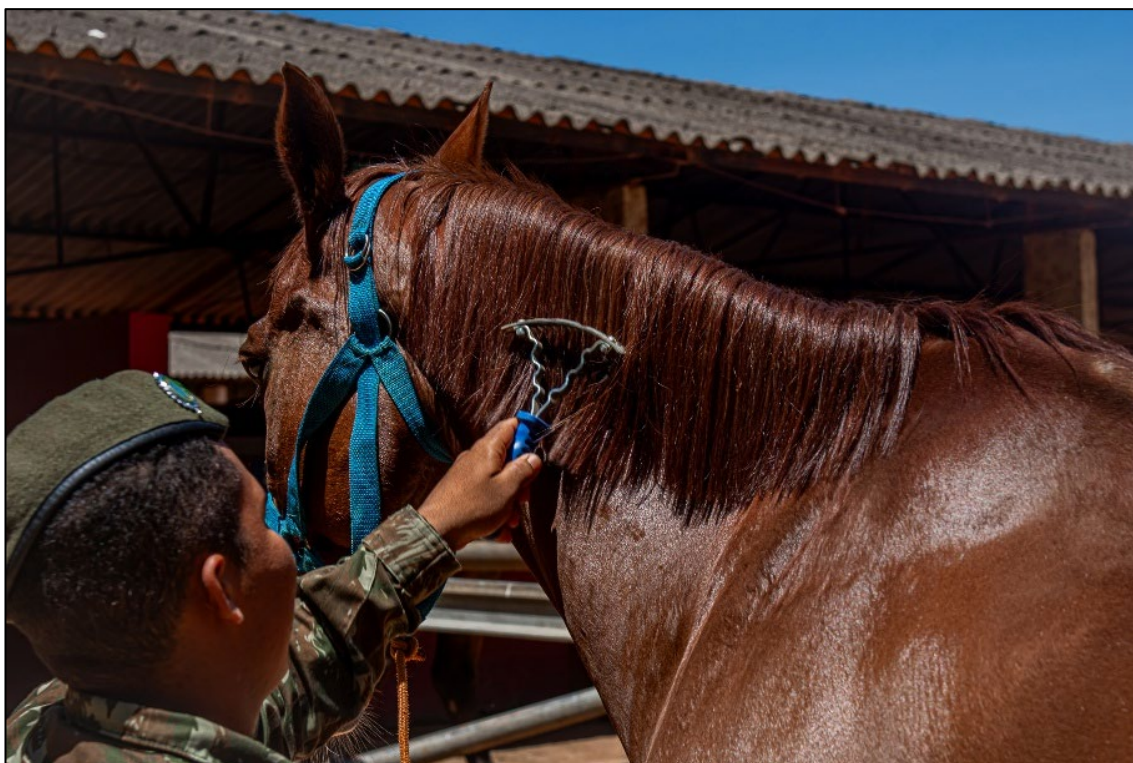


Fig 2-15 – Utilização do pente na crina do cavalo.

2.7.11 A cauda deve ser escovada e penteada do mesmo modo que a crina longa.



Fig 2-16 – Utilização do pente na cola do cavalo.

2.7.12 Os jarretes e os cascos devem ser lavados com água e secados com um pano. Os cascos não devem ser escovados para não tirar a sua camada protetora de verniz.



Fig 2-17 – Limpeza dos jarretes e dos cascos com um pano seco.



Fig 2-18 – Forma correta de limpeza do casco do cavalo.

2.7.13 Com um pano bem molhado ou esponja e com muito cuidado, limpam-se também os olhos, as narinas, o sabugo, o ânus, a bainha (pênis/vulva) e a bolsa/mamas.



Fig 2-19 – Limpeza dos olhos e narinas com um pano bem molhado.

2.7.14 Se os pelos estiverem longos, passa-se a rasqueadeira de borracha ou a borracha grossa.



Fig 2-20 – Utilização da rasqueadeira de borracha em um cavalo com pelos longos.

2.8 CUIDADOS APÓS O TRABALHO MONTADO

2.8.1 Tirar a sela e a cabeçada, colocar o buçal, verificar se o animal está ferido, particularmente no garrote, na comissura labial, no cilhadouro e nas patas.



Fig 2-21 – Cavalo desencilhado e no buçal após realização do trabalho.

2.8.2 Se o cavalo estiver muito suado, secá-lo com a lâmina para suor ou com a escova.



Fig 2-22 – Utilização da escova para secar um pouco do suor do trabalho.

2.8.3 Se a temperatura ambiente permitir, pode-se refrescar o cavalo duchando o lombo e as patas e procedendo como uma complementação geral do penso realizado antes da montaria.



Fig 2-23 – Ducha no cavalo para refrescá-lo após o trabalho.

2.8.4 De qualquer maneira, deve-se escovar o cavalo em sentido contrário ao do pelo, deixando-o assim, arrepiado, até que esteja completamente seco, para só então escová-lo no sentido normal e colocá-lo na baia.



Fig 2-24 – Utilização da escova para finalizar a manutenção e colocar o cavalo na baia.

2.9 CUIDADOS PERIÓDICOS

2.9.1 Semanalmente, nas horas mais quentes do expediente, deve-se dar um banho geral nos cavalos com água e sabão. No inverno, este procedimento poderá ser mensal.



Fig 2-25 – Banho geral no cavalo com água e sabão.

2.9.2 As ranilhas devem ser limpas e lavadas com frequência com uma solução suave de Creolina ou *Licor de Villate*.



Fig 2-26 – Limpeza da ranilha com solução específica com vinagre.

2.9.3 Os cascos devem ser engraxados pelo menos duas vezes por semana, por meio da aplicação de graxa de casco – a base de gordura e alcatrão – nas suas paredes. Isto conserva a elasticidade e a integridade da parte córnea.



Fig 2-27 – Aplicação de graxa no casco (Ex: Cascovitan).

2.9.4 A tosa das crinas deve ser feita pelo menos uma vez por mês, à tesoura ou à máquina, deixando-se sempre um punhado de crina no garrote.



Fig 2-28 – Utilização da máquina para a tosa das crinas.

2.9.5 As caudas devem estar permanentemente ripadas e aparadas nunca a menos do que na altura dos jarretes.



Fig 2-29 – Procedimento de ripar a cola para deixar no tamanho correto.

2.9.6 A ripagem de crinas e caudas pode ser feita com o uso diário do pente de madeira que, além de retirar os excessos de fios, ajuda a mantê-las limpas.

2.9.7 Os pelos muito grandes dos machinhos devem ser aparados de forma a servirem de escoador de água para as quartelas.



Fig 2-30 – Procedimento de aparar o excesso de pelos dos machinhos.

2.9.8 Os pelos finos das orelhas devem ser apenas aparados sempre que parecerem muito longos.



Fig 2-31 – Procedimento de aparar o excesso de pelos das orelhas.

2.9.9 O material de limpeza dos cavalos deve ser lavado e desinfetado periodicamente em solução suave de Creolina.

2.10 MANEJO ALIMENTAR E HÍDRICO DOS CAVALOS

2.10.1 CONHECIMENTOS BÁSICOS

2.10.1.1 O manejo alimentar e hídrico adequado é essencial para garantir a saúde, a performance e a longevidade operacional dos cavalos do Exército.

2.10.1.2 Uma alimentação equilibrada impacta diretamente na capacidade de trabalho, no bem-estar e na prevenção de doenças.

2.10.2 FORRAGEM

2.10.2.1 Forragem é a alimentação diária destinada a cada cavalo.

2.10.2.2 Ração é a quantidade de forragem que se distribui a cada vez durante o dia.

2.10.2.3 As rações são divididas entre volumosos (feno, alfafa, capim verde) e concentrados (rações industrializadas, milho, aveia e outros).

2.10.2.4 Um cavalo de porte médio pode comer de 3 a 4 quilos de concentrados por dia e de 6 a 8 quilos de volumosos.

2.10.2.5 O Sal Mineral deve ser sempre disponibilizado aos cavalos – na quantidade estabelecida pela Seção de Remonta e Veterinária do Exército.

2.10.2.6 Os concentrados devem ser distribuídos em, pelo menos, três rações e ser o primeiro a ser distribuído ao amanhecer.

2.10.2.7 A última ração do dia deve ser de volumoso.

2.10.2.8 A água deve ser fresca, limpa e oferecida à vontade. Em média, um cavalo ingere de 20 a 30 litros de água diariamente.

2.10.3 NUTRIÇÃO EQUINA

2.10.3.1 O cavalo é um herbívoro não ruminante: o que significa que sua dieta é composta principalmente por plantas ricas em fibras, como pastagens e fenos.

2.10.3.1 O estômago: é o principal órgão de digestão e tem uma capacidade de 12 a 15 quilos.

2.10.3.1 Volumosos: devem compor aproximadamente 70% da dieta à base de matéria seca, preferencialmente com fibras que estimulam a mastigação.

2.10.3.1 Concentrados: (rações industrializadas) servirão como um complemento proteico e energético (com teor de gordura elevado- extrato etéreo). Os concentrados não devem ultrapassar 30% da dieta.

2.10.3.1 Água: deve estar sempre limpa, fresca e à disposição.

2.10.4 DIETA DIÁRIA DE UM EQUINO

Composição básica da alimentação diária dos cavalos das unidades de cavalaria	
Tipo de Alimento	Proporção/Quantidade Indicada
Feno/pasto	06 - 08 kg/dia fornecidos à vontade ou no mínimo em 4 etapas
Ração comercial	03 - 04 kg/dia, divididos em, pelo menos, 2 rações. A quantidade pode variar conforme necessidade individual de cada cavalo
Sal mineral	à vontade
Água limpa	à vontade

Tab 2-1 - Composição básica da alimentação diária.

2.10.5 COMPORTAMENTO ALIMENTAR

2.10.5.1 Cavalos em ambiente natural passam mais ou menos 16 horas/dia pastejando. Isso envolve longo tempo mastigando, busca ativa por alimento e consumo frequente, em pequenas porções.

2.10.5.2 Portanto, sempre que possível, deve-se soltar os cavalos no pasto/ poteiros para que livremente caminhem, mastiguem e socializem em conjunto.

2.10.6 COMPORTAMENTOS INADEQUADOS – TARAS

2.10.6.1 Entre os comportamentos considerados inadequados em equinos, destacam-se:

- a) Aerofagia: hábito de engolir ar;
- b) Mordedura de objetos: morder cochos, portas ou paredes da baia;
- c) Balanço de urso: movimento rítmico de balanço do corpo; e
- d) Coprofagia: ingestão de estrume.

2.10.6.2 Na maioria dos casos, esses vícios de comportamento resultam do estresse provocado pelo confinamento prolongado, pela falta de estímulos ou pelo manejo inadequado.

2.10.6.3 As medidas corretivas podem variar desde a utilização de dispositivos específicos, como as biqueiras, até a adoção de práticas que favoreçam o bem-estar animal, como a soltura em poteiros, o aumento da atividade física e a variação no ambiente de manejo, a fim de reduzir a monotonia e o tédio.

MT 3.2200

CAPÍTULO III

MORFOLOGIA EQUINA

3.1 HIGIENE E MANEJO DOS CAVALOS

3.1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

3.1.1.1 Pela manhã, após retirar os cavalos das baias, devem-se limpar as camas ou o piso das baias, retirando o estrume e a parte suja e molhada da cama, se for o caso.



Fig 3-1 – Baia com estrume que deve ser retirado.

3.1.1.2 O piso das baias deve ser liso, mas não escorregadio, e isento de buracos.

- Se houver placas de borracha, essas devem ser retiradas e limpas, pelo menos semanalmente.



Fig 3-2 – Baia com borrachas limpas e sem buracos.

3.1.2 LIMPEZA DAS BAIAS

3.1.2.1 Limpeza diária

- a) Retirar o equino.
- b) Recolher estrume e cama molhada.
- c) Nivelar e repor cama seca.
- d) Limpar os cochos.
- e) Verificar portas, piso e grades.
- f) Descartar resíduos no local designado.

3.1.2.2 Limpeza completa (periódica)

- a) Retirar toda a cama.
- b) Lavar piso e paredes.
- c) Aplicar desinfetante.
- d) Deixar secar completamente.
- e) Preparar cama nova.

3.1.2 LIMPEZA DOS COCHOS E BEBEDOUROS

- a) Higienizar diariamente bebedouros e cochos.
- b) Manter a água sempre limpa, fresca e disponível em todo momento, retirando restos de alimentos que possam cair no cocho d'água.
- c) Após o trabalho propriamente dito, oferecer inicialmente pequenas quantidades de água, a fim de prevenir distúrbios digestivos.

3.1.3 CONTROLE DA ESTOCAGEM DA FORRAGEM

- a) Conservar a forragem seca, empilhada sobre estrados, protegida da umidade, prevenindo a formação de mofo.
- b) Manter rigorosa higienização do ambiente para controle de pragas, eliminando fontes de alimento, água e abrigo para ratos e pombos.

3.1.4 FORNECIMENTO DA FORRAGEM

3.1.4.1 Não misturar concentrado e volumoso no mesmo cocho.

- Fornecer separadamente, em horários distintos, para reduzir o risco de distúrbios gástricos e cólicas.

3.1.4.2 Manter horários regulares de alimentação, favorecendo a digestão e prevenindo cólicas.

3.1.4.3 Garantir que volumosos (feno, alfafa) estejam sempre limpos, livres de mofo e poeira.

3.1.4.4 Evitar mudanças bruscas na dieta, especialmente na troca do tipo de concentrado.

3.1.4.5 Oferecer sempre o volumoso antes do concentrado.

- A redução da quantidade de volumoso aumenta o risco de cólicas.

3.1.4.6 Evitar grandes porções de concentrados, bem como o seu fornecimento em poucas rações, pois ambos os fatores predispõem à ocorrência de cólicas.

3.1.4.7 Retirar os restos de ração anterior dos cochos, prevenindo fermentação e distúrbios digestivos.

3.1.4.8 O Comandante do Pelotão deve observar atentamente cada cavalo da tropa para identificar as suas particularidades.

- Cada animal possui características próprias — como idade, estrutura física, temperamento, ritmo de trabalho e condição corporal — que influenciam diretamente na quantidade de forragem que deve receber.

3.1.4.9 Essas diferenças fazem com que alguns cavalos necessitem de maior volume de alimento, enquanto outros precisam de porções mais controladas. Animais jovens, em crescimento, tendem a exigir mais nutrientes; já cavalos mais velhos ou de menor porte podem demandar quantidades menores.

3.1.4.10 Da mesma forma, cavalos que trabalham mais intensamente precisam de maior reposição energética. Por esse motivo, a distribuição de forragem não deve ser totalmente uniforme. O objetivo é garantir que cada animal receba a quantidade adequada para **saciar o apetite, manter o peso ideal e preservar a saúde e a condição operacional.**

3.1.4.11 Portanto, sempre que possível, o Comandante do Pelotão deve ajustar a alimentação de forma individualizada, orientando os militares responsáveis pela cavalaria sobre a quantidade correta a ser fornecida, observando diariamente o comportamento alimentar e o estado geral dos animais.

3.1.4.12 Verificar se animal consome toda a ração, se mastiga corretamente, se deglute normalmente, se deixa cair alimento durante a mastigação, se apresenta engasgos ou adota posição corporal anormal.

3.2 MANEJO EMERGENCIAL

3.2.1 SINAIS DE CÓLICA (olhar para o flanco, bater patas, cavar, deitar e levantar constantemente, rolar, posição de cavalete)

– Levar o animal para Seção Veterinária imediatamente.



Figura 3-3 - Sinais clínicos de cólica em equinos.

3.2.2 DESIDRATAÇÃO (gengiva seca e avermelhada, olhos fundos, estrume ressecado ou com presença de muco)

– Fornecer água gradualmente e consultar a Seção Veterinária.



Figura 3-3 - Sinais clínicos de manejo emergencial.

3.3 IDADE DOS CAVALOS

3.3.1 A idade dos cavalos é indicada pelo aparecimento e pelo desgaste dos 12 dentes incisivos (6 inferiores e 6 superiores), assim chamados, aos pares:

- a) pinças;
- b) médios; e
- c) cantos.

3.3.2 O espaço entre os incisivos e os molares, no qual não há dentes, é chamado de barras. Os cavalos machos apresentam nas barras um dente chamado de colmilho. As éguas não têm colmilhos.

3.3.3 Os cavalos, assim como outros mamíferos, nascem sem dentes incisivos. Esses dentes, conhecidos como dentes de leite, começam a surgir entre a primeira semana de vida e o final do primeiro mês.

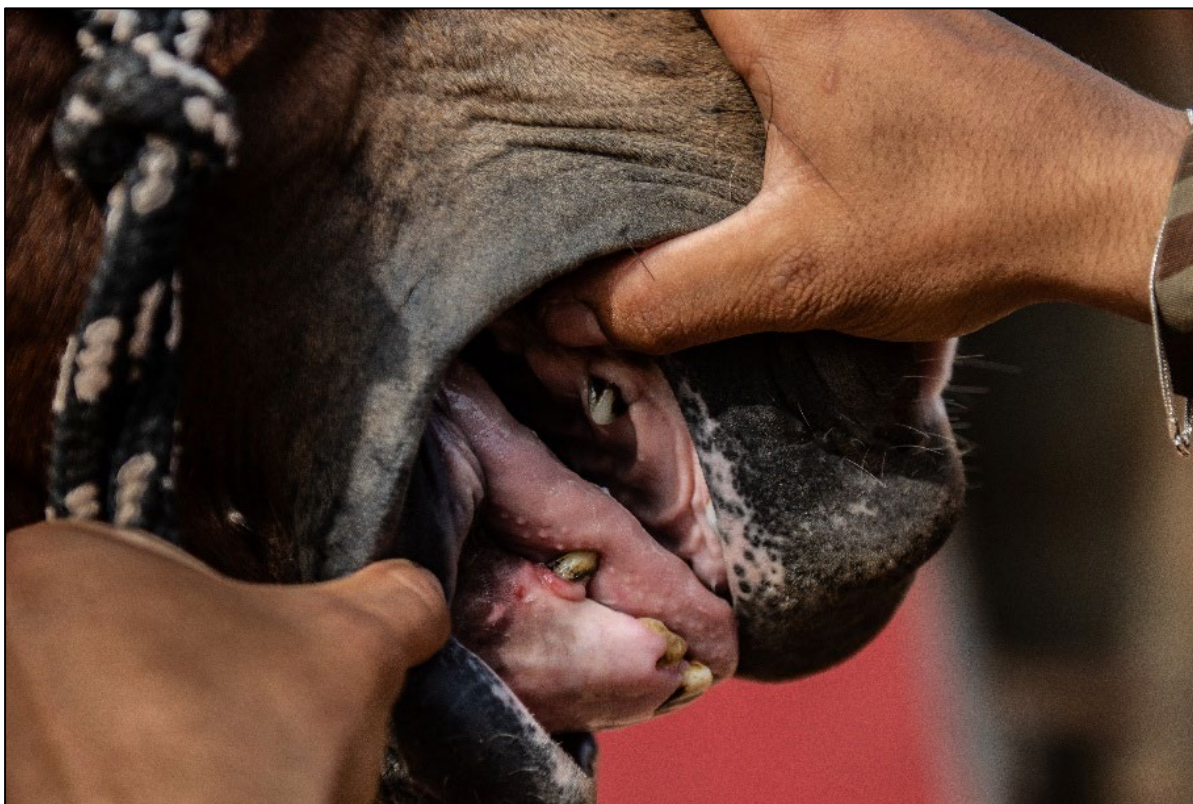


Fig 3-4 – Composição dentária de um cavalo com mais idade.



Fig 3-5 – Composição dentária de um cavalo com menos idade

3.3.2 A erupção dos incisivos permanentes ocorre entre os 2,5 e os 5 anos de idade, enquanto os colmilhos costumam aparecer entre os 4,5 e os 5 anos.

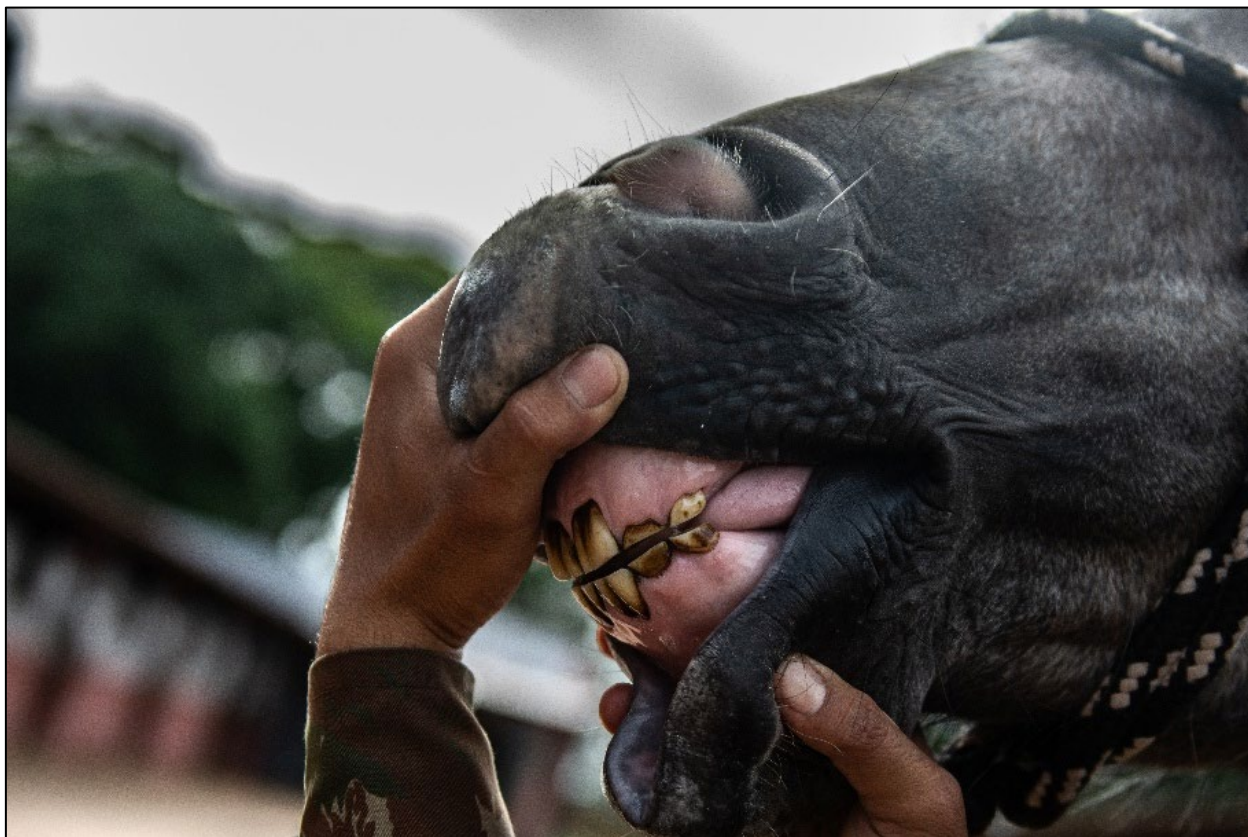


Fig 3-6 – Aumento gradual do número de dentes em um cavalo.

3.4 PELAGENS DOS CAVALOS

3.4.1 Pelagem é o conjunto de pelos e crinas que cobrem a superfície do corpo do cavalo. São as seguintes as pelagens no Exército:

Nr	Denominação	Características
1	Alazão	Pelagem simples de um matiz vermelho-amarelado, lembrando a cor de canela.
2	Baio	Pelagem composta, formada por pelos amarelentos ou pardos, lembrando a cor de café com leite, com as crinas e extremidades pretas.
3	Branco	Pelagem simples, cuja própria cor indica.
4	Castanho	Pelagem composta, constituída por pelos vermelhos no corpo, lembrando a cor das castanhas, sendo as crinas e as extremidades sempre pretas.
5	Lobuno	Pelagem composta, constituída por pelos cinzentos que faz lembrar a dos ratos, isto é, cada pelo isolado é amarelo na base e preto nas pontas.

Tab 3-1 – Pelagem do cavalo.

6	Mouro	Pelagem composta constituída por uma mistura de pelos brancos e pretos, com predominância destes últimos, o que faz lembrar a cor de ardósia, a cabeça e as extremidades são sempre negras.
7	Preto	Pelagem simples que dispensa qualquer descrição.
8	Rosilho	Pelagem composta, caracterizada pela mistura de pelos brancos com amarelos ou vermelhos, dando em resultado um matiz róseo.
9	Tobiano	Pelagem conjugada, de fundo branco com grandes malhas irregulares e bem-dispostas de outra cor, ou fundo de qualquer cor com malhas brancas.
10	Tordilho	Tordilho, pelagem composta, resultante da combinação de pelos brancos, ou pelos pretos, vermelhos ou cinzentos, sendo que estes são ligeiramente observados no fundo da pelagem.
11	Vermelho	Pelagem composta, caracterizada por um vermelho acentuado, cor de fogo, com as extremidades pretas.

Tab 3-1 – Pelagem do cavalo (continuação).

3.4.2 SINAIS PARTICULARES SÃO PEQUENAS VARIAÇÕES NA PELAGEM QUE DISTINGUEM OS ANIMAIS.

- Os principais sinais que servem, ainda, para caracterizar as pelagens são:

- d) mancha branca na testa, podendo ser pequena, grande, irregular, estrelada, redonda etc;
- e) listra branca no chanfro (estreita, longa, interrompida, etc);
- f) malacara ou frente aberta, quando a faixa branca cobre toda a face anterior e laterais do chanfro;
- g) bebe em branco, quando um beijo, superior ou inferior é branco;
- h) gázeo, quando os olhos são azulados; e
- i) calçado, quando manchas brancas envolvem, parcial ou totalmente extremidade de um ou mais membros.

CAPÍTULO IV

SERVIÇOS GERAIS

4.1 NORMAS GERAIS PARA A EXECUÇÃO DO SERVIÇO EM ORGANIZAÇÕES QUE POSSUAM CAVALOS ESTABULADOS

4.1.1 As Normas Gerais para a Execução do Serviço em Organizações que possuam cavalos estabulados têm por finalidade padronizar os procedimentos relativos ao manejo, alimentação, higienização e manutenção dos equinos, assegurando a execução uniforme das atividades diárias da cavalaria.

4.1.2 Elas buscam garantir o bem-estar e a preservação da saúde dos animais, prevenindo enfermidades, acidentes e situações que comprometam a prontidão da tropa montada. A adoção de procedimentos padronizados contribui para manter o efetivo em condições operacionais adequadas.

4.1.3 Visam, ainda, estabelecer medidas que assegurem a segurança dos militares responsáveis pelo manejo, reduzindo riscos decorrentes de práticas inadequadas e definindo claramente as atribuições de cada integrante da fração encarregada do serviço.

4.1.4 Por fim, as normas têm como propósito orientar a conservação das instalações e dos equipamentos utilizados na estabulação, garantindo o uso correto dos recursos e a manutenção da eficiência das estruturas destinadas ao apoio da tropa montada.

4.2 OFICIAL DE DIA

- Compete ao Oficial de Dia:

- a) fiscalizar a execução geral do Serviço de Cavalaria, assegurando a disciplina, a ordem e o bem-estar dos animais;
- b) inspecionar as instalações, as baias, os equipamentos e os animais;
- c) assistir a todas as distribuições de forragem, garantindo sua regularidade;
- d) verificar o cumprimento das normas de higiene, manutenção e alimentação;
- e) adotar providências imediatas em caso de acidente ou enfermidade grave, comunicando o fato ao Comando da Organização Militar; e
- f) registrar em livro próprio todas as ocorrências relativas ao serviço, aos animais e às instalações.

4.3 SARGENTO DE DIA DA SU

- Compete ao Sargento de Dia da SU:

- a) acompanhar e supervisionar a passagem e a execução do Serviço de Guarda das Cavalaria;

- b) realizar rondas em todas as instalações, verificando o estado geral de conservação e limpeza, em especial do alojamento, do banheiro do pessoal de serviço e das baias;
- c) adotar as providências ao seu alcance para corrigir quaisquer irregularidades observadas no serviço ou nas instalações;
- d) participar ao Comandante da SU ou ao Oficial de Dia todas as alterações verificadas, tenham elas sido ou não corrigidas;
- e) acompanhar a visita veterinária dos animais sob prescrição e tomar conhecimento da situação dos baixados; e
- f) estar presente e coordenar todas as distribuições de forragem.

4.4 CABO DAS BAIAS

- É o responsável, perante o Sargento de Dia, pela fiel execução do serviço a cargo da guarda, competindo-lhe:

- a) verificar, em companhia do antecessor e na presença do Sargento de Dia, ao receber o serviço, se as cavalariças se encontram em ordem, se os animais estão devidamente cuidados e se o material confere com a relação de carga e se está em condições de emprego;
- b) distribuir os soldados da guarda pelos grupos de baias, transmitindo-lhes as instruções para o serviço;
- c) designar os militares para os quartos de serviço de cavalariças durante a noite, de acordo com as normas estabelecidas;
- d) receber a forragem destinada ao consumo das 24 horas do serviço e dirigir sua distribuição;
- e) acompanhar a substituição dos soldados de cavalariças, assegurando-se de que as ordens e instruções sejam fielmente transmitidas;
- f) corrigir as irregularidades no serviço ou solicitar a intervenção do Sargento de Dia quando não forem de sua competência;
- g) participar ao Sargento de Dia todas as ocorrências verificadas e as providências adotadas;
- h) dirigir e fiscalizar o serviço de limpeza das baias; e
- i) impedir a retirada de qualquer animal da SU sem a devida autorização.

4.5 SOLDADOS DE CAVALARIÇAS

4.5.1 Os soldados de cavalariças são os executantes diretos do serviço junto às baias, competindo-lhes:

- a) manter as baias ou os grupos de baias em perfeito estado de asseio que lhes forem confiados;
- b) inspecionar regularmente os animais sob sua responsabilidade, observando atentamente quaisquer sinais de agitação, anormalidade ou mal-estar;
- c) zelar para que não sejam retirados das cavalariças os objetos ou utensílios que lhes tenham sido distribuídos ou confiados;
- d) preparar a forragem e proceder à sua distribuição sob a direção do Cabo das Baias;
- e) atender de imediato a qualquer acidente ou ocorrência com os animais, comunicando prontamente ao Cabo das Baias todas as irregularidades que não lhes seja possível

corrigir.

4.5.2 À noite, o Serviço de Cavalariças transforma-se em serviço de plantão às baias, executado pelos soldados da guarda das cavalariças, escalados para tal fim. Os militares de serviço serão distribuídos em quartos e substituídos nas mesmas condições estabelecidas para as sentinelas da guarda do quartel.

4.5.3 Durante os quartos de hora, em que estiverem de plantão, os cavalariças fazem ronda, observando o comportamento dos animais e, na medida do possível, retirando os dejetos (estrume) para fora das baias.

MT 3.2200

CAPÍTULO V

INTRODUÇÃO À EQUITACÃO

5.1 EQUITACÃO MILITAR

- A escola do cavaleiro constitui a base da instrução de equitação militar, destinada a desenvolver postura, equilíbrio e confiança do militar a cavalo. Seu ensino é gradual e orientado pela doutrina vigente, com foco na segurança do cavaleiro, no bem-estar do cavalo e na preparação para o emprego em operações, demonstrações e ordem unida a cavalo.

5.2 ARREAMENTO E ENCILHAGEM

5.2.1 SELA

- A sela tem por finalidade proporcionar maior conforto ao cavaleiro durante a montaria. É, normalmente, confeccionada em couro sobre uma armação de madeira ou fibra de vidro. Nela são fixados acessórios essenciais, como estribos, peitorais e barrigueira.



Fig 5-1 – Sela reiuna.

5.2.2 CABEÇADA

- A cabeçada é o conjunto de tiras, geralmente de couro, que envolve a cabeça do cavalo e serve para fixar a embocadura (freio ou bridão) e possibilitar a condução do animal por meio das rédeas.

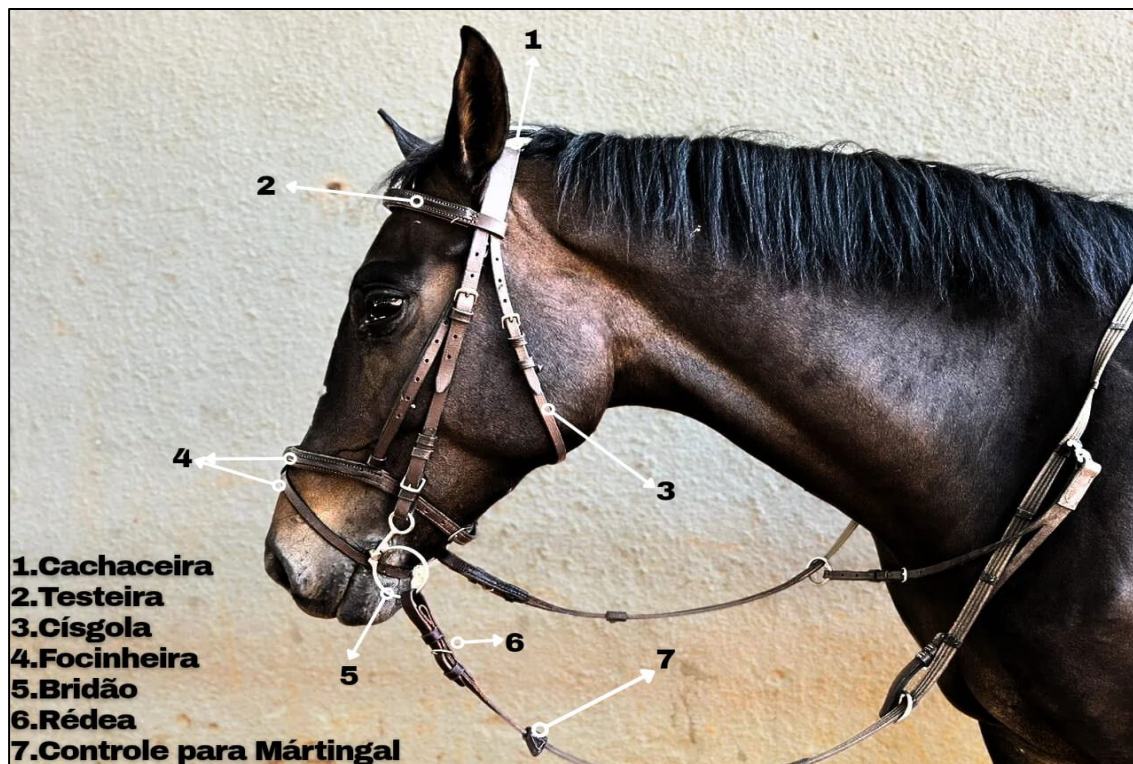


Fig 5-2 – Partes da cabeçada de bridão.



Fig 5-3 – Partes da cabeçada de freio e bridão.

5.2.3 PARTES DA CABEÇADA

5.2.3.1 Cachaceira

– Parte que passa atrás da nuca do cavalo, servindo como ponto de apoio para toda a cabeçada.

5.2.3.2 Testeira

– Fica sobre a testa do cavalo, impedindo que a cabeçada deslize para trás e que a cachaceira avance muito.

5.2.3.3 Cisgola

– Anel que passa por baixo da ganacha do cavalo e é preso à cabeçada, evitando que ela saia da cabeça.

5.2.3.4 Faceira

– Tira que liga a cabeçada à embocadura, cuja regulagem é fundamental para posicionar corretamente a embocadura na boca do cavalo.

5.2.3.5 Focinheira

– Tipo de “cinto” que se ajusta ao redor do focinho do cavalo, ajudando a controlar a abertura da boca.

5.2.3.6 Embocadura (ou bridão/freio)

– Peça que vai dentro da boca do cavalo e com a qual o cavaleiro se comunica por meio das rédeas.

5.2.4 EMBOCADURA

5.2.4.1 Feita geralmente de metal, compõe o sistema de condução do cavalo, une o corpo da cabeçada às rédeas.

5.2.4.2 Existem vários tipos de embocaduras, sendo os tipos mais comuns empregados no meio militar:

- a) freio; e
- b) bridão.

(próxima folha)

5.2.4.2.1 Freio



Fig 5-4 – Freio.

5.2.4.2.2 Bridão



Fig 5-5 – Bridão.

5.2.5 PEITORAL

- Destina-se a aumentar a fixação da sela ao corpo do cavalo, evitando que a mesma corra no dorso do animal. Serve também de ornamento ao material de parada, e pode vir acrescido de gamarra.



Fig 5-6 – Peitoral.

5.3 LIÇÕES DE ENCILHAGEM

Etapa	Procedimento	Descrição
1	Colocação da cabeçada	a) Posicione-se sempre à esquerda do animal. b) Passe a rédea pelo pescoço. c) Segure a cabeçada com a mão direita e a embocadura com a mão esquerda, posicionando-a entre os lábios do cavalo. d) Caso o animal mantenha os dentes cerrados, deslize um dedo sobre a barra (parte da mandíbula sem dentes) para induzir a abertura da boca. e) Ajuste a cabeçada por trás das orelhas, evitando dobrá-las excessivamente.
2	Ajuste da focinheira e da ciscola	a) Se houver focinheira, feche-a antes de atar a ciscola. b) Certifique-se de que nem a focinheira nem a ciscola fiquem apertadas. c) Deixe uma folga de aproximadamente quatro dedos entre a ciscola e a parte inferior do pescoço (ou a medida de um punho fechado) e cerca de dois dedos entre a correia da focinheira e o mento.
3	Colocação da sela	a) Posicione a manta simetricamente sobre o dorso do cavalo. b) Coloque a sela sobre a manta, formando uma calha no centro. c) Verifique se manta e sela não ficaram torcidas. d) Abaixе estribos e cilha. e) Passe a cilha de maneira calma e sem movimentos bruscos. f) Ajuste para que a cilha fique a cerca de quatro dedos do codilho do animal.

Tab 5-1 – Lições de encilhagem.

5.4 AJUDAS

5.4.1 O termo “ajudas” é empregado para designar os principais meios de que dispõe o cavaleiro para conduzir o cavalo.

5.4.2 AJUDAS NATURAIS: são as pernas, o peso do corpo e as mãos:

- a) As pernas agem para determinar e manter o movimento para frente, para aumentar a velocidade, para obter o deslocamento lateral (quando empregadas isoladamente) e, em conjunto com as mãos, para recuar.
- b) O peso do cavaleiro, disposto sobre o dorso do cavalo, interfere no equilíbrio, na velocidade e na direção de marcha.
- c) As mãos, através das rédeas e das embocaduras (freio ou bridão), comunicam-se com a boca do cavalo para indicar a direção, regular a velocidade, parar (alto) e fazer recuar em conjunto com as pernas.

5.4.3 AJUDAS ARTIFICIAIS: são os instrumentos que reforçam ou complementam as ajudas naturais: chicote (pingalim) e esporas.



Fig 5-7 – Chicote e esporas.

5.5 EFEITOS DE RÉDEAS

5.5.1 Os efeitos de rédeas são o resultado da aplicação das mãos, por meio das rédeas, para conduzir o cavalo.

5.5.2 Para a Equitação Militar Básica, de que trata este caderno, interessa apenas a de 3º Efeito - chamada de “contrária”, “de apoio” ou “militar” que consiste em segurar as rédeas com apenas uma das mãos, normalmente a esquerda, indicando ou corrigindo a direção do movimento com o movimento lateral do braço (esquerda/direita) e regulando a velocidade, fazendo alto ou recuando com o movimento longitudinal do braço.

5.6 MANEIRA DE SEGURAR E CONDUZIR UM CAVALO A PÉ

5.6.1 O cavaleiro toma posição à esquerda do cavalo (à altura da ganacha), passa as rédeas pela cabeça do animal, vindo segurá-las com a mão direita a cerca de meio palmo (15 cm) da boca do cavalo, unhas para baixo com o dedo indicador entre as duas rédeas.



Fig 5-8 – Maneira correta para segurar um cavalo encilhado.

5.6.2 Para conduzir o cavalo a pé, o cavaleiro retira as rédeas do pescoço do animal, segura as rédeas com a mão direita, como indicado anteriormente, enquanto a mão esquerda as agarra na extremidade com o polegar passando entre elas: mantendo-se sempre à altura da ganacha esquerda, o cavaleiro puxa o cavalo com a mão direita, sem olhar para ele.

- Na natureza os cavalos só se encaram para a luta.



Fig 5-9 – Maneira correta de condução de um cavalo encilhado.

5.7 EQUITAÇÃO MILITAR BÁSICA

5.7.1 O desenvolvimento da Equitação Militar Básica deve ser conduzido de forma progressiva, observando-se rigorosamente os princípios da segurança, da confiança e da disciplina militar.

5.7.2 A instrução deverá empregar todos os recursos disponíveis para incutir confiança,

descontração e desembaraço nos cavaleiros, eliminando gradualmente qualquer receio no trato e na condução dos cavalos.

5.7.3 Os Oficiais possuidores do Curso de Instrutor de Equitação, servindo nas Unidades Montadas, são os responsáveis pela organização, implementação, supervisão e correção dos planos de instrução, cabendo-lhes assegurar que o processo formativo atinja os objetivos estabelecidos.

5.7.4 Os Instrutores, com o apoio de monitores devidamente habilitados devem garantir que, no tempo previsto, a tropa alcance as condições técnicas e psicológicas indispensáveis ao cumprimento eficiente das missões montadas atribuídas às Organizações Militares a cavalo.

CAPÍTULO VI

INTRODUÇÃO À EQUITACÃO

6.1 ORDEM UNIDA A CAVALO

6.1.1 FINALIDADES

- a) Proporcionar à tropa montada condições de se apresentar e se deslocar em perfeita ordem, garantindo uniformidade, coordenação e correção durante a execução do Cerimonial Militar.
- b) Desenvolver a disciplina e a coesão da tropa, por meio da execução coletiva de movimentos simples, realizados com simultaneidade, energia e precisão.
- c) Aperfeiçoar o adestramento das pequenas unidades — Grupos de Combate, Pelotões, Esquadrões e, excepcionalmente, Regimentos — utilizando as formações em Ordem Unida a Cavallo como instrumento de treinamento para alinhamentos, intervalos, comandos e manobras.

6.1.2 A Ordem Unida a Cavallo consiste no conjunto de movimentos regulares executados por tropa montada, ao passo, ao trote ou a galope, de forma simples, precisa, simultânea e coesa.

6.1.3 A execução desses movimentos deve ser realizada por frações constituídas, tais como o Grupo de Combate, o Pelotão, o Esquadrão e, excepcionalmente, o Regimento.

6.2 GRUPO DE COMBATE

6.2.1 CONSTITUIÇÃO

- O Grupo de Combate (GC) – constituído por duas esquadras de 6 cavaleiros, comandados por um graduado – é a unidade elementar da instrução da tropa montada.

6.2.2 O GC MONTA E APEIA, OBEDECENDO AOS COMANDOS QUE SE SEGUEM:

- a) “**GRUPO, PREPARAR PARA MONTAR!**”;
- b) “**A CAVALO!**”;
- c) “**GRUPO, PREPARAR PARA APEAR!**”; e
- d) “**A PÉ!**”.

6.2.3 O GC MARCHA, MUDA DE FORMAÇÃO, DE ANDADURA E DE DIREÇÃO OU FAZ ALTO, OBEDECENDO COMANDOS DADOS NA SEGUINTE SEQUÊNCIA:

- a) chamada de atenção: “**Grupo!**”;
- b) formação (**por 3/2/1/em batalha/em uma fileira**);
- c) direção (**em frente, à direita/esquerda, meia volta**);
- d) andadura (**ao passo/trote/galope**); e
- e) ordem de execução (**marche/alto**).

- Exemplo: “**GRUPO, POR 3, EM FRENTE, AO PASSO, MARCHE!**”

6.2.4 NO CURSO DO MOVIMENTO, OS COMANDOS SEGUIRÃO ESTA SEQUÊNCIA, OMITINDO O QUE NÃO MUDA NO MOVIMENTO QUE ESTÁ SENDO EXECUTADO.

6.2.4.1 Exemplos:

- a) Mudança de direção, mantendo a formação e a andadura:
“GRUPO, À DIREITA/ESQUERDA, MARCHE”!
- b) Mudança de andadura, mantendo a mesma direção:
“GRUPO, AO PASSO/TROTE/GALOPE, MARCHE”!
- c) Mudança de andadura e de direção mantendo a mesma formação:
“GRUPO, AO PASSO/TROTE/GALOPE, À DIREITA/ESQUERDA, MARCHE”!
- d) Mudança de formação e andadura, mantendo a mesma direção:
“GRUPO, POR 2/1/EM BATALHA, AO PASSO/TROTE/GALOPE, MARCHE”!
- e) Suspende o movimento:
“GRUPO, ALTO”!

6.2.4.2 O GC pode fazer meia volta à direita ou à esquerda, em qualquer formação, com a amplitude conveniente à andadura.

6.2.1 FORMATURA DO GC

- O grupo entra em forma ao comando de “EM FORMA”, a pé, conduzindo os cavalos à mão - normalmente, em coluna por três, em uma fileira ou em batalha e monta quando for comandado.

6.2.2 GC EM COLUNA POR TRÊS

6.2.2.1 Coluna por três é a formação normal de reunião e de deslocamento do GC.



Fig 6-1 – GC Hipo em coluna por três.

6.2.2.2 As duas esquadras colocam-se uma atrás da outra, à mesma distância que separa as duas fileiras; normalmente, a 1ª Esq na testa, com o cavaleiro Nr 2 (da primeira fileira) a dois passos à retaguarda do comandante do grupo, considerado como o guia.

6.2.2.3 Todos os demais cavaleiros regulam-se pelo guia.

6.2.3 GC EM COLUNA POR DOIS

6.2.3.1 A formação é constituída por esquadras sucessivas, em coluna por dois, a um corpo de cavalo de distância entre as duplas, sendo que a esquadra-testa a dois corpos de cavalo à retaguarda do comandante do grupo.

6.2.3.2 O grupo, estando em coluna por três, passa a formação de “por dois” da seguinte forma:

6.2.3.2.1 Se o GC estiver parado:

- a) os cavaleiros 1 e 2 da primeira fileira da 1ª esquadra iniciam um movimento para frente, ao passo;
- b) o nr 3 permanece parado até que o nr 1 da segunda fileira o alcance;
- c) os nr 2 e 3 da segunda fileira formam a última dupla da 1ª esquadra;
- d) o mesmo procedimento se repete para a 2ª esquadra; e
- e) tão logo, todo o GC tenha tomado posição encerra-se o movimento para frente.

6.2.3.2.2 Quando o GC estiver em movimento o procedimento é o mesmo, mantendo-se ou adotando a andadura comandada.



Fig 6-2 – GC Hipo em coluna por dois.

6.2.5 GC EM COLUNA POR UM

- A formação é constituída por esquadras sucessivas, em coluna por um, a um corpo de cavalo de distância, tendo o comandante do grupo como guia, dois corpos de cavalo à frente da primeira esquadra.



Fig 6-3 – GC Hipo em coluna por um.

6.2.6 GC EM BATALHA

6.2.6.1 Em batalha, é uma formação de desfile e de reunião.

6.2.6.2 As duas esquadras, estando o GC por três, em movimento ou parado posicionam-se justapostas, na mesma linha e sem intervalo, ficando, em princípio, a primeira à direita.

6.2.6.3 As duas fileiras guardam a distância de um corpo de cavalo entre si.

6.2.6.1 Estando o grupo a pé e em batalha, ao comando de **“GRUPO, PREPARAR PARA MONTAR!”**:

- o comandante e a primeira esquadra avançam cerca de três corpos de cavalo;
- enquanto os cavaleiros das colunas número um e três, de cada esquadra, afastam-se, à direita e à esquerda, dos cavaleiros da coluna dois; e
- todos se preparam para montar.

6.2.6.4 Ao comando de **“A CAVALO!”**, as duas esquadras montam, os cavaleiros retomam os intervalos normais e a segunda esquadra se coloca à esquerda da primeira.



Fig 6-4 – GC Hipo em condições de montar.

6.2.6.5 Estando o grupo a cavalo e em batalha, ao comando de “**GRUPO, PREPARAR PARA APEAR!**”:

- o comandante do grupo e a primeira esquadra avançam de três corpos de cavalo;
- os cavaleiros das colunas um e três afastam-se à direita e à esquerda dos cavaleiros da coluna dois e preparam-se para apear.



Fig 6-5 – GC Hipo em condições de apear.

6.2.6.6 Ao comando de “**A PÉ!**”, todo o grupo apeia e retoma a formação inicial. formação inicial.

6.2.6.7 As partidas, as paradas e as mudanças de andaduras devem ser executadas, simultaneamente, por todos os cavaleiros, mas sem precipitação.

- O cavaleiro do centro acompanha o guia e conserva a distância. Todos os cavaleiros marcham em andadura uniforme, regulada pela do guia.

6.2.6.8 As retificações da cobertura e do alinhamento devem ser feitas sem precipitação e progressivamente.

6.2.7 FORMAÇÕES PARA REVISTA DA TROPA EM UMA FILEIRA OU EM BATALHA

6.2.7.1 Estando parado e em batalha, ao comando de “**EM BATALHA, FRENTE À DIREITA, MARCHE!**”, o grupo, como um todo, faz uma conversão à direita com base no cavaleiro número 3 da 2ª fileira da 1ª esquadra.

6.2.7.2 Se a frente for à esquerda, o cavaleiro base será o número 1 da 2ª fileira da 2ª esquadra.

6.2.7.3 Após ou durante a conversão, o comandante do grupo toma o seu lugar em forma à direita ou à esquerda do GC, conforme a direção da revista.



Fig 6-6 – GC Hipo pronto para revista da tropa em apenas uma fileira, com seu Comandante mais à direita da tropa.

6.2.7.4 Estando em qualquer formação, ao comando de “**EM UMA FILEIRA FRENTE À DIREITA/ESQUERDA, MARCHE**”:

- As fileiras convergem para o lado indicado, tendo por base a 1ª fileira da 1ª esquadra.



Fig 6-7 – GC Hipo em linha de batalha pronto para a revista da tropa.

6.2.7.5 Se o comandante do grupo quiser executar o alinhamento pela direita/esquerda, indicará previamente um cavaleiro base e comandará:

“**PELA DIREITA/ESQUERDA** ou **PELO FULANO, PERFILAR!**”.

6.2.7.6 Os cavaleiros da primeira fileira alinham-se pelo cavaleiro base, olhando em sua direção.

6.2.7.7 Se em batalha, os da segunda fileira alinham-se aos seus correspondentes a dois passos da fileira da frente.

6.2.7.8 Ao comando de “**FIRME!**”:

- Todos os cavaleiros olham para frente e retomam a imobilidade.

6.2.8 ABRIR E UNIR FILEIRAS DO GC

6.2.8.1 Estando o grupo em batalha, seu comandante à frente, ao comando de “**ABRIR FILEIRAS, MARCHE!**”:

- O comandante avança dois corpos de cavalo e volta-se para a tropa.
- A primeira fileira avança um corpo de cavalo e toma o alinhamento.
- A segunda fica firme.

6.2.8.2 Ao comando de “**UNIR FILEIRAS, MARCHE!**”:

- A primeira fileira fica imóvel.,
- O comandante do grupo retoma a posição diante do cavaleiro do centro.
- A segunda fileira avança até um corpo de cavalo da primeira.

6.3 PELOTÃO

6.3.1 COMPOSIÇÃO E DESLOCAMENTO INICIAL

- O Pelotão é composto por três GC e marcha, muda de andadura, de direção ou faz alto, qualquer que seja sua formação, obedecendo a comandos iguais aos do GC.

6.3.1.1 Exemplos:

**“PELOTÃO,
EM COLUNA DE GRUPOS POR TRÊS,
EM FRENTE,
AO PASSO,
MARCHE”;**

**“PELOTÃO,
POR TRÊS,
EM FRENTE,
AO TROTE,
MARCHE”;**

“PELOTÃO, ALTO”.

6.3.1.2 O Pel monta e apeia aos comandos de:

**“PELOTÃO,
PREPARAR PARA MONTAR,
A CAVALO”;** e

**“PELOTÃO,
PREPARAR PARA APEAR,
A PÉ”.**

6.3.2 O PEL MARCHA EMAÇADO OU EM COLUNA DE GC.

Formação	Características Principais	Descrição
Formatura do Pelotão	Entrada em forma ao comando “EM FORMA”	O Pelotão, assim como o GC, entra em forma ao comando de “EM FORMA”, a pé, ou a cavalo - normalmente, em coluna por três, em uma fileira ou em batalha.
Pelotão em coluna de GC por três, por dois, por um e em batalha	Formação geral de deslocamento e manobra	O pelotão em coluna de grupos por três, por dois, por um ou em batalha, monta, apeia, marcha, muda de direção e faz alto, de acordo com os princípios já estabelecidos para o GC. A boa execução dos movimentos de ordem unida, nestas formações, depende, principalmente, da regularidade das andaduras e da atenção contínua de todos os cavaleiros, evitando as mudanças bruscas de andadura. O pelotão faz meia-volta ao comando de “PELOTÃO, MEIA-VOLTA, À DIREITA/ESQUERDA, MARCHE!” ou ao gesto correspondente.
Formação do Pelotão em batalha	Formação estacionária para formaturas e revistas	Na formação em batalha do pelotão, os grupos, em batalha, são colocados na mesma linha. O Pelotão, em princípio, não se desloca em batalha, mas em coluna de grupos em batalha. A formação do Pelotão como um todo em batalha, deve ser estacionária, para formaturas e revistas.
Montar e apeiar em batalha	Execução de comandos de montada e apeada	O pelotão estando em batalha - ou em coluna de grupos em batalha - e os cavaleiros a pé, segurando os respectivos cavalos, ao comando de “PREPARAR PARA MONTAR!”, o comandante e as esquadras ímpares avançam três corpos de cavalo. Os demais cavaleiros não se movem. Ao comando de “A CAVALO!”, o pelotão monta como foi indicado para a escola do grupo. Reconstitui-se a formação ao comando de “RETOMAR O ALINHAMENTO!”. Estando o pelotão a cavalo, para apeiar, o comandante e as esquadras ímpares ao comando de “PREPARAR PARA APEAR” avançam três corpos de cavalo. Os demais cavaleiros não se movem e o pelotão apeia à voz de “A PÉ”, de acordo com as indicações da escola do grupo. Estando o pelotão a pé, na formação anterior, isto é, as esquadras ímpares avançadas de três corpos de cavalo, o comandante pode mandar montar ou reconstituir a formação, em batalha e a pé, dando a voz de “RETOMAR O ALINHAMENTO”.

Tab 6-1 – Pelotão em Marcha.

Mudanças de formação do Pelotão	Transição entre formações	Estando em coluna de grupos, o Pelotão muda as formações por grupos, conforme estabelecido para estes.
Alinhamento do Pelotão	Execução de alinhamento lateral	Nas formaturas, estando o pelotão em batalha, ou em uma fileira, ao comando de “PERFILAR!”, o cavaleiro do centro do dispositivo e os dois comandantes de grupo, das alas, colocam-se na mesma linha, a um corpo de cavalo à retaguarda do comandante do pelotão. Os cavaleiros posicionam-se por estes três pontos referenciados, olhando à direita ou à esquerda, ajustando os alinhamentos pelo centro, de forma que os intervalos sejam a proximidade dos contatos entre os joelhos (leve contato de estribos). Os cavaleiros da segunda fileira devem cobrir, a um corpo de cavalo dos seus correspondentes. À voz de “FIRME!”, os cavaleiros olham em frente e ficam imóveis.
Abrir e unir fileiras do Pelotão	Formação para inspeção	Este movimento tem por finalidade dar ao pelotão uma formação própria para a inspeção. O pelotão estando em batalha, a cavalo ou a pé, à voz de “ABRIR FILEIRAS, MARCHE!”, o comandante avança dois corpos de cavalo e volta-se para o cavaleiro do centro. A primeira fileira avança um corpo de cavalo. A segunda não se move. À voz de “UNIR FILEIRA, MARCHE!”, a segunda fileira retoma a distância regulamentar e o comandante do pelotão volta ao seu lugar.
Formação do Pelotão em uma fileira	Formação em uma fileira	O pelotão forma em uma fileira sob os mesmos procedimentos e comandos que o grupo executa. O pelotão estando parado, em uma formação qualquer, à voz de “EM UMA FILEIRA, FRENTE À DIREITA/ESQUERDA, MARCHE!”, os grupos formam-se sucessivamente em uma fileira, conforme comandado. O pelotão em uma fileira monta e apeia conforme o estabelecido para os GC.
Pelotão em coluna de grupos em batalha	Formação de desfile	A coluna de grupos em batalha é uma formação de desfile. Essa formação é executada ao comando de “PELOTÃO, COLUNA DE GRUPOS EM BATALHA, AO PASSO, MARCHE!”. Os grupos de combate em batalha colocam-se, sucessivamente, a uma distância variável com o objetivo da formação. Normalmente, a distância entre os grupos não excede dois corpos de cavalo.
Pelotão Emaçado (“Tijolo”)	Formação compacta de desfile	O Pelotão emaçado é uma formação de desfile, na qual a fração entra em forma, tendo o Cmt à frente, seguido pelos três Cmt GC (em uma fileira) e do Pelotão como um todo (36 cavaleiros), por 3 ou por 6, todos mantendo uma distância de um corpo de cavalo entre si.

Tab 6-1 – Pelotão em Marcha.

6.4 ESQUADRÃO

6.4.1 O Esqd marcha, muda de andadura, de direção ou faz alto, qualquer que seja sua formação, aos comandos que se seguem, precedidos da voz de advertência:

“ESQUADRÃO!”:

**“ESQUADRÃO,
EM FRENTE,
AO PASSO (TROTE/GALOPE),
MARCHE”;**

**“ESQUADRÃO,
À DIREITA/ESQUERDA,
AO PASSO (TROTE, GALOPE),
MARCHE”;**

“ESQUADRÃO, ALTO”.

6.4.2 O Esqd monta e apeia, aos comandos que se seguem, de acordo com os procedimentos previstos na escola do GC e do Pel:

**“ESQUADRÃO,
PREPARAR PARA MONTAR,
A CAVALO!”; e**

**“ESQUADRÃO,
PREPARAR PARA APEAR,
A PÉ!”.**

Formação	Características Principais	Descrição
Formatura do Esquadrão	Entrada em forma emaçada ou em coluna de pelotões	O esquadrão entra em forma emaçado ou em coluna de pelotões, estando estes emaçados ou em coluna de grupos. A Ordem Unida do Esquadrão segue as mesmas regras estabelecidas para os Pelotões e Grupos de Combate.
Formação em batalha frente à direita ou à esquerda	Formação lateral de pelotões em linha	Essa formação, os pelotões em batalha colocam-se lado a lado, sem intervalos. Estando o esquadrão a pé ou a cavalo, os comandos e os procedimentos para montar e apeiar são os mesmos previstos para os Grupos e Pelotões. A formação do Esquadrão em batalha (em duas fileiras) é reservada para formaturas.
Mudanças de formação	Transição entre formações	O esquadrão em coluna de pelotões ou grupos muda de formação também por pelotões e grupos, individualmente.
Esquadrão Emaçado (“Tijolo”)	Formação de desfile	O Esquadrão emaçado é uma formação de desfile, na qual a subunidade entra em forma, tendo o Cmt à frente, seguido pela Seção de Comando (em uma ou duas fileiras) e do Esqd como um todo (108 cavaleiros), por 6, todos mantendo uma distância de um corpo de cavalo entre si.

Tab 6-2 – Esquadrão em Marcha.

6.5 REGIMENTO

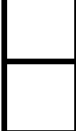
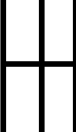
6.5.1 O Regimento monta e apeia, alinha, abre fileiras e recua, conforme os mesmos comandos e segundo os procedimentos da escola do esquadrão.

6.5.2 As formações normais de ordem unida de um regimento são em batalha frente à direita/esquerda (para formaturas, revistas e inspeções) e em coluna de esquadrões emaçados, ou em coluna de pelotões emaçados, ou em coluna de grupos em batalha.

Formação	Características Principais	Descrição
Formatura do Regimento	Organização geral das subunidades em forma	O estado-maior forma a dois corpos de cavalo à frente ou à direita/esquerda da guarda-bandeira, nas formações em coluna ou em linha, respectivamente. Os esquadrões, por sua vez, formam a dois corpos de cavalo à retaguarda da guarda-bandeira, nas formações em coluna, e a dois corpos de cavalo à direita/esquerda, nas formações em linha e mantêm entre si os mesmos intervalos. A fanfarra, se houver, forma à direita, nas formações em linha, e à frente, nas formações em coluna, seguida dos clarins; uma ou mais fileiras, evoluindo como se fosse um pelotão. Não havendo fanfarra, este lugar cabe aos clarins.
Regimento em coluna de marcha	Formação de deslocamento	As formações de marcha são as colunas por dois/três. A distância entre os diversos elementos é variável e indicada, em cada caso, pelo comandante. O Regimento, estando em qualquer formação, passa à coluna de marcha aos mesmos comandos e segundo as mesmas prescrições dos comandos dos Esquadrões. O comandante do regimento designa a subunidade que deve tomar a testa e prescreve as distâncias. Cada Esquadrão dirige-se pelo caminho mais curto e na andadura conveniente para entrar na coluna e à distância prevista.
Formação em batalha	Formação de reunião para revistas e inspeções	É uma formação de reunião utilizada nas revistas e inspeções. Nessa formação, os esquadrões em batalha colocam-se lado a lado, com intervalo de dois corpos de cavalo.

Tab 6-3 – Regimento em Marcha.

6.6 ADEQUAÇÃO DE FIGURAS E SÍMBOLOS

	Cmt Pel		Radioperador
	3º Sgt Cmt		Cb Explorador
	Cb Fuz		Sd Guarda Cavalo
	Sd Atirador		Sd Explorador
	Sd Municiador		Sd Condutor
	Sd Remuniciador		Sd Explorador Granadeiro

Tab 6-4 – Símbolos a cavalo.

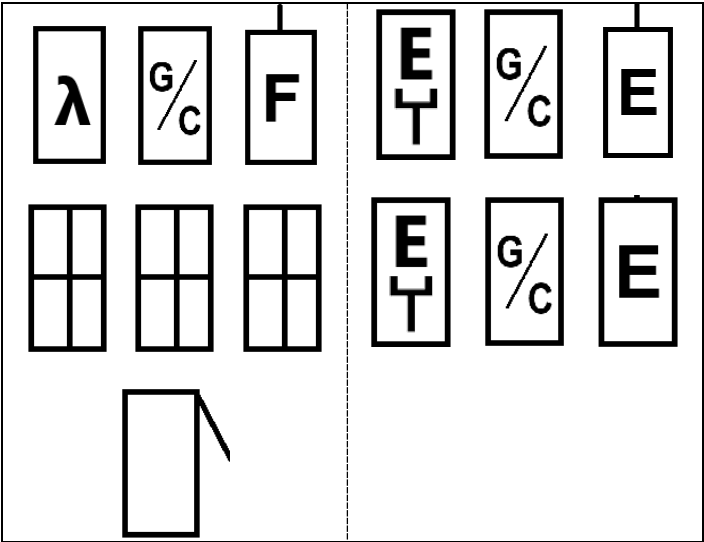


Fig 6-8 – Formação por três.

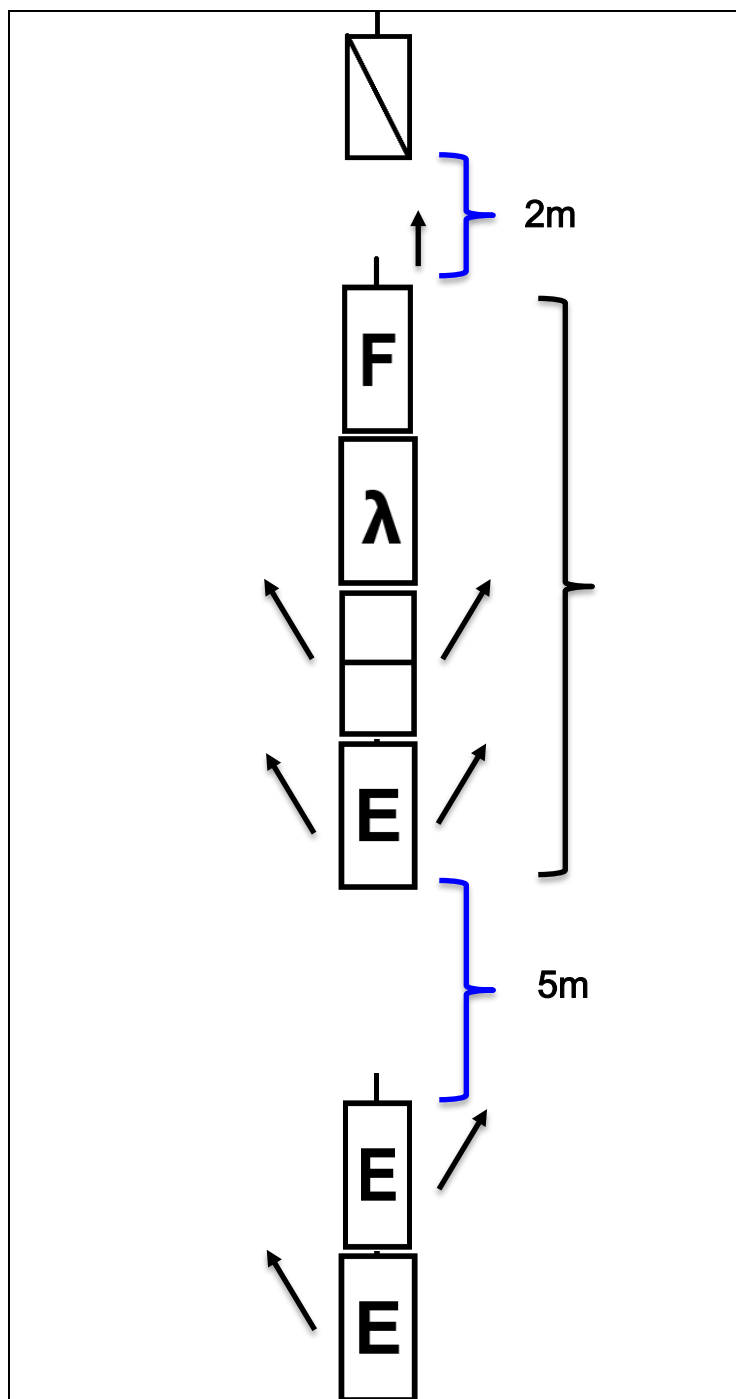


Fig 6-9 – Formação GC em coluna por um.

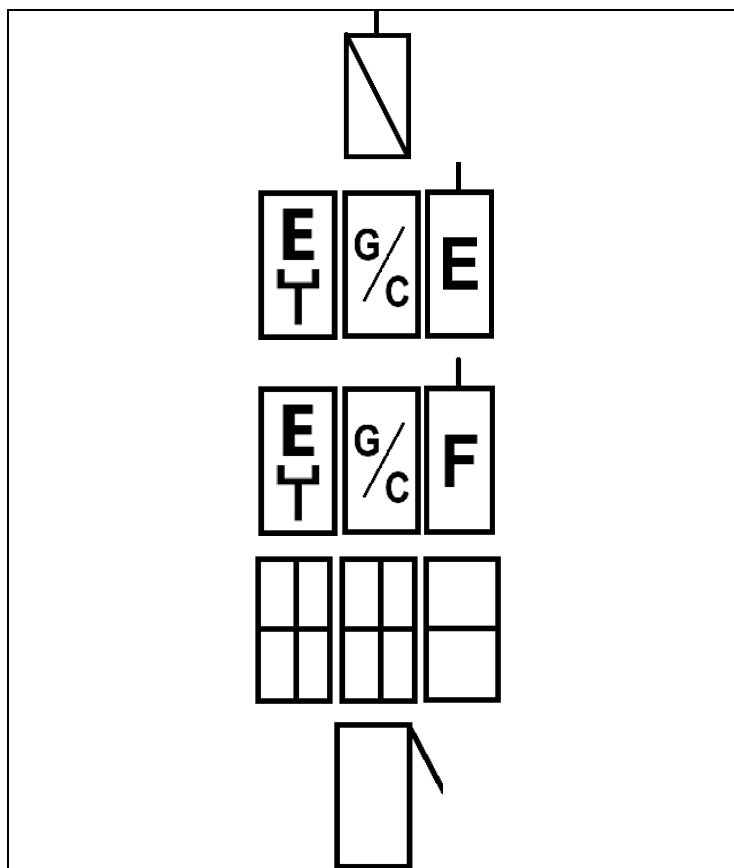


Fig 6-10 – Formação GC na formação normal de reunião (coluna por três).

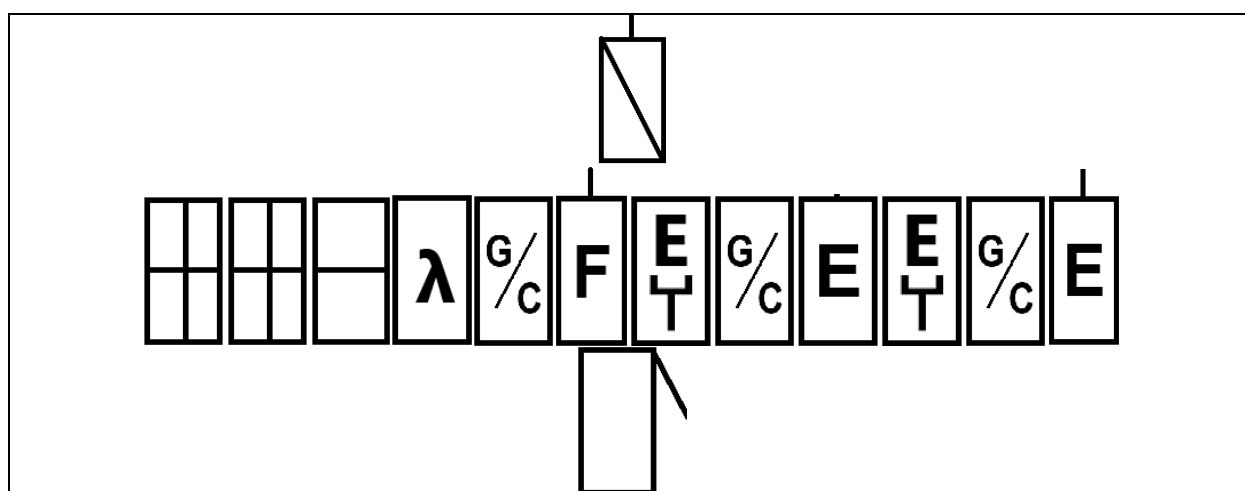


Fig 6-11 – Formação grupo de forrageadores à 5 m (1ª Esq de direção).

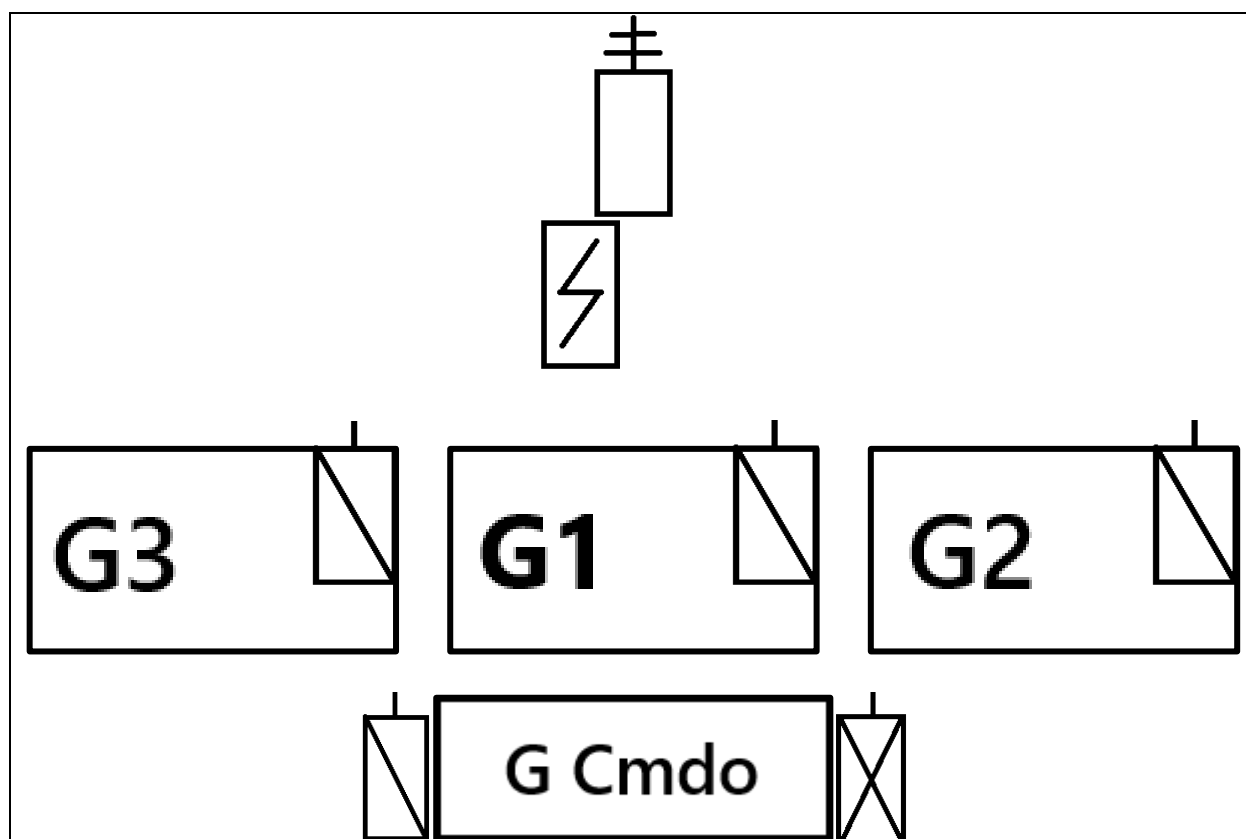


Fig 6-12 – Pelotão em batalha.

CAPÍTULO VII

CERIMONIAL

7.1 CERIMONIAL MILITAR A CAVALO

7.1.1 O cerimonial militar a cavalo constitui um conjunto de normas, tradições e procedimentos que regulam a execução de eventos solenes realizados com o emprego de tropa montada.

- Trata-se de uma manifestação da cultura militar que alia tradição histórica, excelência técnica e representatividade institucional.

7.1.2 No Exército Brasileiro, o cerimonial a cavalo representa não apenas a preservação de tradições centenárias, mas também a demonstração pública da disciplina, adestramento e prontidão da Força Terrestre.

- Estas atividades reforçam o vínculo entre a instituição militar e a sociedade, projetando valores como hierarquia, disciplina e patriotismo.

7.1.3 A aplicação prática do cerimonial militar a cavalo ocorre em diversas ocasiões: eventos solenes de Estado, formaturas comemorativas, escoltas de honra a autoridades, demonstrações públicas e apresentações cívico-militares.

- Em cada uma dessas situações, a presença da tropa montada simboliza a tradição, a mística da Arma de Cavalaria e a continuidade da história militar.

7.1.4 A execução perfeita do Cerimonial exige, como condição prévia, **a prática da Ordem Unida a Cavalo.**

7.1.5 Cada apresentação é resultado de meses de treinamento, cuidado com os animais e aperfeiçoamento técnico. Esta cultura de excelência transcende o cerimonial e permeia todas as atividades militares.

7.1.6 O CERIMONIAL MILITAR É COMPOSTO PELAS SEGUINTE ATIVIDADES:

- a) escoltas de honra;
- b) carrossel militar;
- c) demonstrações de salto sobre obstáculos; e
- d) volteio.

7.2 ESCOLTAS DE HONRA

7.2.1 As escoltas de honra a cavalo constituem a manifestação mais elevada do Cerimonial Militar, representando a tradição, a solenidade e a reverência das Forças Armadas às mais altas autoridades da nação e seus convidados.

7.2.2 Sua execução garante o protocolo adequado em cerimônias de Estado, conferindo marcialidade, formalidade e respeito proporcional à importância do evento e da autoridade escoltada.



Fig 7-1 – Escolta realizada para autoridade.

7.3 CARROSSEL MILITAR

7.3.1 A influência francesa na organização militar brasileira do século XIX trouxe consigo a tradição do carrossel. Os primeiros regimentos de cavalaria, organizados com assessoria de instrutores europeus, incorporaram estas apresentações como parte do treinamento e das demonstrações públicas.

7.3.2 O carrossel militar é uma atividade que exige submissão absoluta às ajudas do cavaleiro mesmo em meio ao tumulto sonoro e visual, o que desenvolve calma profunda, confiança irrestrita no condutor e controle progressivo face aos estímulos externos.

- Essa exposição controlada capacita não somente o cavalo, mas também o cavaleiro a conter suas reações, tornando o binômio um instrumento de precisão com perfeita cadência, distâncias exatas e alinhamentos impecáveis sem influência externa.

7.3.3 Para o cavaleiro, o Carrossel representa o teste supremo de disciplina, concentração e espírito de corpo. Cada militar deve subordinar sua ação individual ao ritmo coletivo, mantendo distâncias precisas em alta velocidade, respondendo às ordens do comandante e confiando cegamente nos companheiros à frente e nas laterais.

- Tais exigências desenvolvem no soldado hipomóvel a capacidade de agir com precisão e autocontrole sob elevada pressão, eliminando qualquer traço de individualismo e canalizando a força de sua fração por meio da sincronia absoluta.



Fig 7-2 – Carrossel Militar histórico executado anualmente no 1º RCG.

7.4 REPRISE DE SALTO DE OBSTÁCULOS

7.4.1 A reprise de salto foi adaptada como demonstração de preparo físico, coragem e domínio do cavalo. Representa a capacidade do cavaleiro de superar obstáculos naturais e artificiais.

7.4.2 A reprise de saltos, especialmente quando executada em percursos cronometrados ou ginásticas progressivas, submete o conjunto militar a situações que replicam a necessidade de decisão rápida e coragem em terreno desconhecido.

- Para o cavalo, a sequência de obstáculos desenvolve a impulsão controlada, cadência estável do galope e, principalmente, aceitação incondicional do obstáculo, a despeito da surpresa. O animal se lança sobre as barreiras sem hesitar, característica historicamente vital na Cavalaria antiga e, ainda hoje, valorizada na formação do caráter militar.

7.4.3 A reprise de salto militar destaca-se, tradicionalmente, pela participação coordenada de militares a pé em conjunto com os cavaleiros da demonstração. Tal prática, oriunda das apresentações equestres militares europeias, possui significado que extrapola sua finalidade operacional.

7.4.4 A presença dos militares a pé simboliza a coesão, a disciplina e o trabalho em equipe, evidenciando que cada integrante, no estrito cumprimento de sua função, contribui para o êxito do conjunto.

7.4.5 A manutenção dessa prática, mesmo diante da possibilidade de emprego de suportes fixos, reafirma o valor atribuído à tradição, à presença humana e à cooperação

no contexto das atividades equestres militares.

7.4.6 No cavaleiro, ocorre o desenvolvimento da decisão rápida, sob pressão, com autodomínio absoluto e coragem pessoal. Isso se dá por meio da avaliação da batida correta em frações de segundo, do equilíbrio perfeito em velocidade, e das correções eventuais dos erros do cavalo.

- O militar aprende que hesitação ou excesso de força resultam em falta, recusa ou queda, enquanto confiança mútua e precisão técnica levam ao sucesso. Esta lição é diretamente aplicável ao comando em situações de estresse operacional, onde o líder deve tomar decisões críticas mantendo serenidade e transmitindo segurança aos subordinados, exatamente como faz com seu cavalo durante o percurso.



Fig 7-3 – Reprise de salto realizada por alunos do Colégio Militar em comemoração ao Dia da Cavalaria.

7.5 VOLTEIO

7.5.1 O volteio foi adotado como exercício de preparação básica para cavaleiros, permitindo que desenvolvessem naturalidade sobre o cavalo e superassem o receio natural antes de avançar para exercícios mais complexos.

7.5.2 Sua prática desenvolve atributos atitudinais como a coragem, a disciplina e a camaradagem.



Fig 7-4 – Apresentação realizada pela equipe de volteio do Dragões da Independência.

CAPÍTULO VIII

CONCLUSÃO

8.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

8.1.1 A Instrução de Equitação constitui elemento essencial para o desenvolvimento da destreza, do equilíbrio e do desembaraço do conjunto cavalo–cavaleiro, atendendo às necessidades operacionais da tropa montada. Para assegurar a uniformidade da habilidade equestre entre os militares, torna-se necessária a adoção de um programa de instrução metódico, com progressão lógica e racional.

8.1.2 Esse programa deve criar condições físicas, disciplinares e psicológicas favoráveis ao desenvolvimento de atributos indispensáveis ao militar montado, tais como a confiança em si e no animal, a coragem diante das dificuldades, o respeito e o amor ao cavalo, além do espírito de corpo — expressão máxima do valor moral da tropa e fundamental à vida em caserna.

8.1.3 A instrução equestre contribui ainda para cultivar o orgulho coletivo, a coesão da unidade e o apreço pelo quartel, fortalecendo os laços de camaradagem e disciplina que caracterizam a vida militar. Por meio da prática regular e orientada, o cavaleiro adquire não apenas técnica, mas também resiliência física, postura militar, autocontrole e senso de responsabilidade.

8.1.4 Compete aos instrutores e monitores formados na Escola de Equitação do Exército (EsEqEx) a preparação, a orientação e a fiscalização da execução dos planos de instrução equestres, assegurando que sejam atingidas as competências, habilidades e conhecimentos previstos neste Manual Técnico. Cabe-lhes, ainda, estimular a motivação dos instruendos, corrigir falhas com rigor pedagógico e garantir que o processo formativo esteja sempre alinhado aos padrões doutrinários da Equitação Militar.

COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES

Brasília, DF, 05 dezembro de 2025

<https://portaldopreparo.eb.mil.br>

